

Estruturas Discretas

Programa da disciplina

DIZANDO NORTON
(dizando.norton@gmail.com)

DEI - Ciência da Computação

FACULDADE DE CIÊNCIAS - UNIVERSIDADE AGOSTINHO NETO

Conteúdo

1	Lógica Formal	7
1.1	Lógica proposicional	7
1.2	Equivalências proposicionais	16
1.3	Predicados e Quantificadores	23
1.4	Quantificadores Aninhados	23
1.5	Regras de Inferência	23
1.6	Demonstrações	23
1.7	Métodos e Estratégias de Demonstração	23
2	Demonstrações, recorrência e análise de algoritmos	31
3	Conjuntos, Funções, Matrizes e Sequências	33
3.1	Conjuntos	33
3.2	Operações sobre Conjuntos	39
3.3	Funções	43
3.4	Matrizes	48
3.5	Sequências	48
4	Relações	54
4.1	Relações e suas propriedades	54
4.2	Relações sobre um conjunto	55
4.3	Propriedades das relações	56
4.4	Combinação de relações	58
4.5	Representação de relações	59
4.5.1	Introdução	59
4.5.2	Representação de relações por meio de matrizes	59
4.5.3	Representação de relações por meio de grafos direccionados	61
4.6	Fecho de relações	64
4.6.1	Introdução	64
4.7	Relações de equivalência	64
4.8	Ordens parciais	64
5	Grafos	66
5.1	Grafos e Modelos de Grafos	66
6	Árvores	70

Programa da disciplina

Descrição

Esta disciplina é uma introdução à conceitos de matemática discreta e estruturas discretas tal como são utilizadas em Ciência da Computação. As técnicas apresentadas no curso permitem aos estudantes aplicar o pensamento lógico e matemático na resolução de problemas. Os tópicos incluem: lógica proposicional e de predicados, funções, relações, conjuntos, técnicas de demonstração, grafos e árvores. De acordo a disponibilidade de tempo, os seguintes tópicos também serão apresentados outros tópicos mais avançados.

Objectivos

Ao completar a disciplina, os estudantes deverão capazes de:

- Aplicar métodos formais de lógica proposicional e de predicados
- Descrever a importância e limitações da lógica de predicados
- Utilizar demonstrações lógicas para resolver problemas
- Desenvolver algoritmos recursivos baseados em indução matemática
- Explicar a terminologia básica das funções, relações e conjuntos
- Descrever como métodos formais de lógica simbólica são utilizados para modelar algoritmos reais
- Perceber os conceitos básicos sobre a teoria dos grafos e algoritmos relacionados

No geral, espera-se que os estudantes sejam capazes de aplicar estes métodos em outros tópicos do curso de Ciência da Computação tais como no desenho e análise de algoritmos e engenharia de *software*.

Tópicos

1. Lógica formal
2. Demonstrações, recorrência e análise de algoritmos
3. Conjuntos e combinatória

4. Relações, funções e matrizes
5. Gráfos e árvores
6. Álgebra de Boole e lógica computacional

Avaliação

- Avaliação contínua (Participação, Presença, Exercícios, Provas parcelares e Projecto): 40%
- Exame final: 60%

Os exercícios serão fornecidos nas aulas ou publicados no *website* da cadeira. Os estudantes são fortemente encorajados a resolve-los pois os mesmos irão ajudar a entender melhor os tópicos tratados nas aulas.

Pré-requisitos

Conhecimentos básicos de lógica e de simbolização matemática.

Regras

- Requer-se que os estudantes leiam os acetatos/fascículos antes das aulas
- A participação nas aulas é essencial para a compreensão da matéria. A assistência às aulas é de sua inteira responsabilidade
- Todas as provas e exames são obrigatórios, excepto por razões devidamente justificadas. Uma ausência não justificada, equivale a nota zero na referida avaliação.

Agenda (sujeita à alterações)

Semana	Intervalo	Tópicos
1	1 - 5 de Agosto	—
2	8 - 12 de Agosto	—
3	15 - 19 de Agosto	—
4	22 - 26 de Agosto	—
5	29 de Agosto - 2 de Setembro	—
6	5 - 9 de Setembro	—
7	12 - 16 de Setembro	—
8	19 - 23 de Setembro	—
9	26 - 30 de Setembro	—
10	3 - 7 de Outubro	—
11	10 - 14 de Outubro	—
12	17 - 21 de Outubro	—
13	24 - 28 de Outubro	—
14	31 de Outubro - 4 de Novembro	—
15	7 - 11 de Novembro	—
16	14 - 18 de Novembro	—
17	21 - 25 de Novembro	—

Feriados e interrupções

- 2 de Novembro: Dia dos Finados
- 11 de Novembro: Dia da Independência Nacional

Bibliografia

Título Fundamentos matemáticos para a Ciência da Computação, 6a. Edição
Autor Judith L. Gersting

Docente

Nome Dizando Norton
Sala CS119, Campus Universitário
Atendimento Por agendamento
Telefone 919075381
E-mail dizando.norton@gmail.com
Website www.dizando.me
Aulas Consultem o horário para a vossa turma
Monitor Nzuzi Solange (n.solange@outlook.com)

Página da cadeira

O *link* para página da disciplina será disponibilizado em breve. A mesma irá conter anúncios, os acetatos e a sebenta utilizada no decorrer das aulas. Os estudantes são recomendados a consultar a página regularmente.

Capítulo 1

Lógica Formal

As regras da lógica fornecem o significado de expressões matemáticas. Por exemplo, estas regras nos ajudam a entender e a raciocinar sobre sentenças como “*Existe um inteiro que é a soma de dois quadrados*” e “*Para todo o inteiro positivo n , a soma dos positivos não maiores que n é $n(n + 1)/2$* ”. A lógica é a base do raciocínio matemático, e do raciocínio automatizado. Possui aplicações práticas no desenho de computadores, na especificação de sistemas, na Inteligência Artificial, na programação de computadores, nas linguagens de programação e outras áreas da Ciência da Computação bem como também em outras ciências e áreas de estudo.

Para entender a matemática, precisamos perceber o que constitui um argumento matemático correcto, isto é, uma prova ou demonstração. Uma vez que demonstramos que uma sentença matemática é verdadeira, nós a chamamos de teorema. Uma colecção de teoremas sobre um assunto ou tópico constitui o que sabemos sobre tal tópico. Então, para perceber um tópico matemático, é necessário activamente construir argumentos matemáticos sobre tal tópico. As demonstrações são muito comuns em matemática e também em Ciência da Computação. Elas são utilizadas para verificar se os programas de computadores produzem a saída correcta para todos os valores de entrada possíveis, para verificar se os algoritmos produzem sempre a saída correcta, para determinar a segurança de um sistema e para criar inteligência artificial. Além disso, sistemas de raciocínio automatizados foram criados para permitir que os computadores construam as suas próprias demonstrações.

Neste capítulo, iremos apresentar o que constitui uma sentença matemática correcta e introduzir as ferramentas para a construção destes argumentos. Iremos estudar alguns métodos de demonstração e estratégias para a construção de demonstrações.

1.1 Lógica proposicional

As regras da lógica fornecem significados às sentenças ou argumentos matemáticos. Estas regras são utilizadas para distinguir um argumento matemático válido de um inválido.

Para além da sua importância na compreensão do raciocínio matemático, a lógica possui inúmeras aplicações em Ciência da Computação. Algumas dessas

aplicações serão discutidas ao longo desta secção.

Proposições

Começamos a nossa discussão com uma introdução sobre o elemento básico da lógica - as proposições. Uma **proposição** é uma sentença declarativa (isto é, uma sentença que declara um facto) que pode ser verdadeira ou falsa, mas não ambas.

Exemplo 1.1.1. As seguintes sentenças declarativas são exemplos de proposições.

1. Luanda é a capital da República de Angola.
2. Angola possui 24 províncias.
3. $1 + 1 = 2$.
4. $1 + 2 < 1$.

As proposições 1 e 3 são verdadeiras, enquanto que as proposições 2 e 4 são falsas. Algumas sentenças que não são proposições são dadas no Exemplo 2.

Exemplo 1.1.2. Considere as seguintes sentenças.

1. Que horas são?
2. Leia isto atentamente.
3. $x + 1 = 2$.
4. $x + y = z$.

As sentenças 1 e 2 não são proposições porque não são sentenças declarativas. As sentenças 3 e 4 não são proposições porque ambas não são verdadeiras nem falsas. Note que as sentenças 3 e 4 podem ser transformadas em proposições se atribuir-mos valores às variáveis x e y .

Utilizamos letras para denotar as **variáveis proposicionais** (ou **variáveis da expressão**), isto é, variáveis que representam proposições, tal como as letras são utilizadas para denotar valores numéricos. As letras convencionais utilizadas para variáveis proposicionais são p, q, r, s, \dots . O **valor lógico** de uma proposição é verdadeiro, denotado por V, se a proposição for verdadeira. Consequentemente, o valor lógico de uma proposição é falso, denotado por F, se a proposição for falsa.

A área da lógica que trata das proposições é chamada de **cálculo proposicional** ou **lógica proposicional**. *TAREFA: Pesquisar sobre Aristotle e o Cálculo Proposicional.*

Muitas expressões matemáticas são construídas pela combinação de uma ou mais proposições. Novas proposições, chamadas de **proposições compostas**, são formadas a partir de proposições existentes utilizando os operadores lógicos.

Definição 1.1.1. (Negação) Seja p uma proposição. A *negação* de p , denotada por $\neg p$ (também denotada por \bar{p}), é a expressão

“Não é verdade que p ”.

A proposição $\neg p$ lê-se “não p ”. O valor lógico da negação de p , $\neg p$, é o oposto do valor lógico de p .

Exemplo 1.1.3. Encontre a negação da proposição

“O computador do Miguel possui o Sistema Operativo Linux.”

e a expresse em Português simples.

Solução A negação é: “Não é verdade que o computador do Miguel possui o Sistema Operativo Linux.”

Esta negação pode ser expressada de forma mais simples como: “O computador do Miguel não possui o Sistema Operativo Linux.”

A tabela 1.1.1 apresenta a **tabela de verdade** para a negação de uma proposição p . Esta tabela possui uma linha para cada um dos valores lógicos possíveis para a proposição p . Cada linha apresenta o valor lógico de $\neg p$ correspondente ao valor lógico de p para esta linha.

p	$\neg p$
V	F
F	V

Tabela 1.1.1: A tabela de verdade da negação de uma proposição.

A negação de uma proposição pode ser também considerada como o resultado da acção do **operador de negação** numa proposição. O operador de negação constrói uma nova proposição a partir de uma única proposição. Iremos agora apresentar os operadores lógicos que são utilizados para formar novas proposições a partir de duas ou mais proposições existentes. Estes operadores lógicos também são chamados de **conectores**.

Definição 1.1.2. (Conjunção) Sejam as proposições p e q . A *conjunção* de p e q , denotada por $p \wedge q$, é a proposição “ p e q ”. A conjunção $p \wedge q$ é verdadeira quando ambos p e q são verdadeiros e falsa em caso contrário.

A tabela 1.1.2 apresenta a tabela de verdade de $p \wedge q$. Esta tabela possui uma linha para cada um das quatro possíveis combinações dos valores lógicos de p e q . As quatro linhas correspondem aos pares dos valores lógicos VV, VF, FV e FF, onde o primeiro valor lógico no par é o valor lógico de p e o segundo valor lógico é o valor lógico de q .

p	q	$p \wedge q$
V	V	V
V	F	F
F	V	F
F	F	F

Tabela 1.1.2: A tabela de verdade da conjunção de duas proposições.

Exemplo 1.1.4. Encontre a conjunção das proposições p e q onde p é a proposição “O computador da Rebecca possui mais de 16 GB de espaço livre em disco” e q é a proposição “O processador no computador da Rebecca tem uma velocidade maior que 1 GHz.”.

Solução A conjunção destas duas proposições, $p \wedge q$, é a proposição “O computador da Rebecca possui mais de 16 GB de espaço livre em disco e o seu processador tem uma velocidade maior que 1 GHz.” Para esta conjunção ser verdadeira ambas as condições dadas devem ser verdadeiras. É falsa quando uma ou ambas as condições são falsas.

Definição 1.1.3. (Disjunção) Sejam as proposições p e q . A *disjunção* de p e q , denotada por $p \vee q$, é a proposição “ p ou q ”. A disjunção $p \vee q$ é falsa quando ambos p e q são falsos, e verdadeira em caso contrário.

A tabela 1.1.3 apresenta a tabela de verdade de $p \vee q$.

p	q	$p \vee q$
V	V	V
V	F	V
F	V	V
F	F	F

Tabela 1.1.3: A tabela de verdade da disjunção de duas proposições.

A utilização do conector *ou* numa disjunção corresponde a uma das utilizações da palavra *ou* na Língua Portuguesa, nomeadamente, como um **ou inclusivo**. A disjunção é verdadeira quando pelo menos uma das duas proposições é verdadeira. Por exemplo, o “ou inclusivo” é utilizado na expressão:

“Os estudantes aprovados em Análise ou Álgebra podem frequentar esta aula.”

Aqui, queremos dizer que os estudantes que aprovaram em Análise e Álgebra podem assistir a esta aula, bem como os estudantes que aprovaram em pelo menos uma delas. Por outro lado, estaremos a utilizar um “ou exclusivo” quando dizemos:

“Os estudantes aprovados em Análise ou Álgebra, mas não em ambas, podem frequentar esta aula.”

Aqui, queremos dizer que os estudantes que aprovaram em Análise e Álgebra não podem assisir a esta aula. Apenas estes que aprovaram em exactamente uma das duas disciplinas podem assistir à esta aula.

Exemplo 1.1.5. Qual é a disjunção das proposições p e q onde p e q são as mesmas proposições utilizadas no exemplo 1.1.4?

Solução A disjunção das proposições p e q , $p \vee q$, é a proposição

“O computador da Rebecca possui mais de 16 GB de espaço livre em disco

ou o processador do seu computador tem uma velocidade maior que 1 GHz.”

Esta proposição é verdadeira quando o computador de Rebecca possuir mais de 16 GB de espaço livre em disco, o processador possuir uma velocidade maior que 1 GHz e quando ambas as condições forem verdadeiras. Será falsa quando ambas as condições forem falsas.

Definição 1.1.4. (Ou-Exclusivo ou Disjunção Exclusiva) Sejam as proposições p e q . A *disjunção exclusiva* de p e q , denotada por $p \oplus q$, é a proposição que é verdadeira quando exactamente apenas uma entre “ p ou q ” é verdadeira e falsa em caso contrário.

A tabela de verdade para a disjunção exclusiva de duas proposições é ilustrada na tabela 1.1.4.

p	q	$p \oplus q$
V	V	F
V	F	V
F	V	V
F	F	F

Tabela 1.1.4: A tabela de verdade da disjunção exclusiva de duas proposições.

Sentenças condicionais

Iremos agora abordar sobre outras formas importantes de combinar proposições.

Definição 1.1.5. (Sentença condicional) Sejam as proposições p e q . A *sentença condicional* de $p \rightarrow q$ é a proposição “se p , então q .” A sentença condicional $p \rightarrow q$ é falsa quando p é verdadeiro e q é falso, e verdadeira em caso contrário. Na sentença condicional $p \rightarrow q$, p é chamado de “hipótese” (ou antecedente ou premissa) e q é chamado de conclusão (ou consequente).

A sentença $p \rightarrow q$ é chamada de sentença condicional porque $p \rightarrow q$ afirma que q é verdadeiro caso p se verifique. Uma sentença condicional é também chamada de **implicação**. A tabela de verdade para a sentença condicional $p \rightarrow q$ é apresentada na Tabela 1.1.5. Note que a expressão $p \rightarrow q$ é verdadeira quando ambos p e q são verdadeiros e quando p é falso (não importa qual seja o valor de q).

p	q	$p \rightarrow q$
V	V	V
V	F	F
F	V	V
F	F	V

Tabela 1.1.5: A tabela de verdade da sentença condicional $p \rightarrow q$.

Devido ao facto de as sentenças condicionais desempenharem um papel essencial no raciocínio matemático, existe uma vasta gama de termos utilizados para expressar $p \rightarrow q$. Algumas destes termos são:

- “se p , então q ”
- “ p implica q ”
- “se p , q ”
- “ q somente se p ”
- “ p é suficiente para q ”
- “ q se p ”
- “ q quando p ”
- ...

Uma forma útil para entender uma tabela de verdade de uma sentença condicional é pensar numa obrigação ou contrato. Por exemplo, a promessa que muitos políticos fazem quando concorrem para uma determinada eleição é:

“Se eu for eleito, irei reduzir os impostos.”

Se o político é eleito, os eleitores irão esperar que o político reduza os impostos. Além disso, se o político não for eleito, então os eleitores não terão expectativas que o mesmo político reduza os impostos, embora o político possa ter alguma influência para que tal aconteça. É apenas quando o político é eleito e não reduz os impostos que os eleitores podem dizer que o político não cumpriu com a sua promessa de campanha. Este último cenário corresponde ao caso em que p é verdadeiro mas q é falso em $p \rightarrow q$.

Exemplo 1.1.6. Seja p a sentença “Maria aprende Estruturas Discretas” e q a sentença “Maria conseguirá um bom emprego”. Expresse a sentença $p \rightarrow q$ como uma sentença em Português.

Solução Da definição de sentenças condicionais, vemos que quando p é a expressão “Maria aprende Estruturas Discretas” e q a sentença “Maria conseguirá um bom emprego”, $p \rightarrow q$ representa a sentença

“Se Maria aprende Estruturas Discretas, então ela encontrará um bom emprego.”

Existem muitas outras formas de expressar esta sentença condicional em Português. As formais mais naturais poderiam ser:

- “Maria encontrará um bom emprego quando ela aprender Estruturas Discretas”.
- “Para Maria encontrar um bom emprego, é suficiente que ela aprenda Estruturas Discretas”.
- “Maria encontrará um bom emprego, ao menos que ela não aprenda Estruturas Discretas”.

A forma como definimos as sentenças condicionais é mais geral do que o significado associado à estas sentenças na Língua Portuguesa. Por exemplo, a sentença condicional

“Se estiver a chover, então iremos à praia”

é uma sentença utilizada na linguagem normal onde existe uma relação entre a hipótese e a conclusão. Por outro lado, a sentença

“Se João tem um telemóvel, então $2 + 3 = 5$ ”

é verdadeira pela definição de sentença condicional, porque a sua conclusão/consequente é verdadeira/o. (O valor lógico da hipótese ficaria sem efeito).

A sentença condicional

“Se João tem um telemóvel, então $2 + 3 = 6$ ”

é verdade se João não possui um telemóvel, embora $2 + 3 = 6$ seja falso. Não utilizaríamos estas duas sentenças condicionais em linguagem natural (excepto em sarcasmo), porque não existe relação entre a hipótese e a conclusão em nenhuma das sentenças. O conceito matemático sobre sentenças condicionais é independente de uma relação de causa-efeito entre uma hipótese e uma conclusão. A nossa definição de sentença condicional especifica apenas valores lógicos; não é baseada na utilização dada na língua Portuguesa. A linguagem proposicional é uma linguagem artificial.

Conversa, Contrapositiva e Inversa

Podemos formar novas sentenças condicionais partindo da sentença condicional $p \rightarrow q$. Em particular, existem três sentenças condicionais relacionadas que por ocorrerem frequentemente receberam nomes especiais. A proposição $q \rightarrow p$ é chamada de **conversa** de $p \rightarrow q$. A **contrapositiva** de $p \rightarrow q$ é a proposição $\neg q \rightarrow \neg p$. A proposição $\neg p \rightarrow \neg q$ é chamada de **inversa** de $p \rightarrow q$. Veremos que destas três sentenças condicionais formadas a partir de $p \rightarrow q$ apenas a contrapositiva possui sempre o mesmo valor que $p \rightarrow q$.

Primeiro demonstraremos que a contrapositiva, $\neg q \rightarrow \neg p$, de uma sentença condicional $p \rightarrow q$ possui sempre o mesmo valor lógico que $p \rightarrow q$. Para verificar isto, note que a contrapositiva é falsa apenas quando $\neg p$ é falso e $\neg q$ é verdadeiro, isto é, quando p é verdadeiro e q é falso. Agora demonstraremos que nem a conversa, $q \rightarrow p$, nem a inversa, $\neg p \rightarrow \neg q$, possuem o mesmo valor lógico que $p \rightarrow q$ para todos valores lógicos possíveis de p e q . Note que quando p é verdadeiro e q é falso, a sentença condicional original é falsa, mas a conversa e a inversa são ambas verdadeiras. Quando duas proposições compostas possuem o mesmo valor lógico dissemos que elas são **equivalentes**.

Para ilustrar a utilização de sentenças condicionais temos o exemplo 1.1.7.

Exemplo 1.1.7. Quais são, a contrapositiva, a conversa e a inversa da sentença condicional

“A equipa da casa vence sempre que chove”

Solução Como “ q sempre que p ” é uma das formas de expressar uma sentença condicional $p \rightarrow q$, a sentença original pode ser reescrita como:

“Se estiver a chover, então a equipa da casa vence.”

Consequentemente, a contrapositiva desta sentença condicional é:

“Se a equipa da casa não vence, então não está a chover.”

A conversa é:

“Se a equipa da casa vence, então está a chover”

A inversa é:

“Se não está a chover, então a equipa da casa não vence.”

Definição 1.1.6. (Bicondicional) Sejam as proposições p e q . A *sentença bicondicional* $p \leftrightarrow q$ é a proposição “ p se e somente se q .” A sentença bicondicional $p \leftrightarrow q$ é verdadeira quando p e q possuem os mesmos valores lógicos, e é falsa no caso contrário. As sentenças bicondicionais são também chamadas de dupla-implicações.

A tabela de verdade para $p \leftrightarrow q$ é apresentada na tabela 1.1.7.

p	q	$p \leftrightarrow q$
V	V	V
V	F	F
F	V	F
F	F	V

Tabela 1.1.6: A tabela de verdade da sentença bicondicional $p \leftrightarrow q$.

Note que a expressão $p \leftrightarrow q$ é verdadeira quando ambas sentenças condicionais $p \rightarrow q$ e $q \rightarrow p$ são verdadeiras e falsas no caso contrário. Esta é a razão da utilização das palavras “se e somente se” para expressar esta conexão lógica e também da utilização da combinação dos símbolos \rightarrow e \leftarrow . Existem algumas formas comuns de expressar $p \leftrightarrow q$.

- “ p é necessário e suficiente para q ”
- “Se p então q , e vice-versa”
- “ p sse q ”.

Note que $p \leftrightarrow q$ possui o mesmo valor lógico que $(p \rightarrow q) \wedge (q \rightarrow p)$.

Exemplo 1.1.8. Seja p a sentença “Podes viajar” e q a sentença “Compras o bilhete”. Então $p \leftrightarrow q$ é a expressão “Podes viajar se e somente se compras o bilhete”. Esta sentença é verdadeira se p e q são ambos verdadeiros ou ambos falsos, isto é, se compras um bilhete e podes viajar ou se não compras o bilhete e não podes viajar. É falsa quando p e q possuem valores lógicos opostos.

Tabelas de Verdade de Proposições Compostas

Até agora estudamos 4 conectores lógicos importantes - conjunções, disjunções, sentenças condicionais, e sentenças bicondicionais - e também as negações. Podemos utilizar estes conectores para construir proposições compostas complexas que envolvem um elevado número de variáveis proposicionais. Podemos utilizar tabelas de verdade para determinar os valores lógicos destas proposições compostas, como o exemplo abaixo ilustra. Utilizamos uma coluna separada para encontrar o valor lógico de cada expressão composta que ocorre na proposição composta. Os valores lógicos da proposição composta para cada combinação de valores lógicos das variáveis proposicionais nesta expressão é encontrado na última coluna da tabela.

Exemplo 1.1.9. Construa a tabela de verdade para a proposição composta

$$(p \vee \neg q) \rightarrow (p \wedge q).$$

Solução Como esta tabela envolve duas variáveis proposicionais p e q , teremos quatro linhas nesta tabela de verdade, uma para cada par de valores lógicos VV, VF, FV, FF. As primeiras duas colunas são utilizadas para os valores lógicos de p e q , respectivamente. Na terceira coluna encontramos o valor lógico $\neg q$, necessários para encontrar o valor lógico de $p \vee \neg q$, encontrados na quarta coluna. A quinta coluna fornece os valores lógicos de $p \wedge q$. Finalmente, o valor lógico de $(p \vee \neg q) \rightarrow (p \wedge q)$ é encontrado na última coluna. A tabela de verdade resultante é:

p	q	$\neg q$	$p \vee \neg q$	$p \wedge q$	$(p \vee \neg q) \rightarrow (p \wedge q)$
V	V	F	V	V	V
V	F	V	V	F	F
F	V	F	F	F	V
F	F	V	V	F	F

Tabela 1.1.7: Tabela de verdade $(p \vee q) \rightarrow (p \wedge q)$.

Precedência dos operadores lógicos

Podemos construir proposições compostas utilizando o operador de negação e os operadores lógicos definidos até agora. No geral, utilizaremos os parêntesis para especificar a ordem na qual os operadores lógicos numa proposição composta serão aplicados. Por exemplo, $(p \vee q) \wedge (\neg r)$ é a conjunção de $p \vee q$ e $\neg r$. No entanto, para reduzir o número de parêntesis, especificamos que o operador de negação é aplicado antes dos outros operadores lógicos. Isto significa que $\neg p \wedge q$ é a conjunção de $\neg p$ e q , nomeadamente, $(\neg p) \wedge q$, e não a negação da conjunção de p e q , nomeadamente, $\neg(p \wedge q)$.

Outra regra geral das precedências é que o operador de conjunção possui precedência sobre o operador de disjunção, tal que $p \wedge q \vee r$ significa $(p \wedge q) \vee r$ em vez de $p \wedge (q \vee r)$. Como esta regra é difícil de lembrar, iremos utilizar parêntesis para que a ordem dos operadores de disjunção e conjunção seja clara.

Finalmente, é uma regra aceite que os operadores de condicional e bicondicional, \rightarrow e \leftrightarrow , possuem baixa precedência com relação os operadores de conjunção

e disjunção. Consequentemente, $p \vee q \rightarrow r$ é o mesmo que $(p \vee q) \rightarrow r$. Iremos utilizar parentêsis quando a ordem do operador condicional e bicondicional estiver em questão, embora o operador condicional tenha maior prioridade que o operador bicondicional. A tabela 1.1.8 apresenta os níveis de precedência dos operadores lógicos, \neg, \wedge, \vee e \leftrightarrow .

Operador	Precedência
\neg	1
\wedge	2
\vee	3
\rightarrow	4
\leftrightarrow	5

Tabela 1.1.8: Precedência dos operadores lógicos.

1.2 Equivalências proposicionais

Um passo muito importante utilizado num argumento matemático é a substituição de uma sentença por outra com o mesmo valor lógico. Por causa disso, métodos que produzem proposições com o mesmo valor lógico que uma dada proposição composta são extensivamente utilizados na construção de argumentos matemáticos. Note que iremos utilizar o termo “proposição composta” para nos referir à uma expressão formada a partir de variáveis proposicionais utilizando operadores lógicos, como $p \wedge q$.

Começamos por classificar as proposições compostas de acordo aos seus valores lógicos possíveis.

Definição 1.2.1. (Tautologia, Contradição e Contingência) Uma proposição composta que é sempre verdadeira, não importando valor lógicos das variáveis proposicionais que a compõem, é chamada de *tautologia*. Uma proposição composta que é sempre falsa é chamada de *contradição*. A proposição composta que não é nem uma tautologia nem uma contradição é chamada de *contingência*.

Tautologias e contradições são geralmente importantes no raciocínio matemático. O exemplo 1.2.1 ilustra estes dois tipos de proposições compostas.

Exemplo 1.2.1. Podemos construir exemplos de tautologias e contradições utilizando apenas uma variável proposicional. Considere as tabelas de verdade de $p \vee \neg p$ e $p \wedge \neg p$, apresentadas na tabela 1.2.1. Como $p \vee \neg p$ é sempre verdadeiro, é uma tautologia. Como $p \wedge \neg p$ é sempre falso, é uma contradição.

p	$\neg p$	$p \vee \neg p$	$p \wedge \neg p$
V	F	V	F
F	V	V	F

Tabela 1.2.1: Exemplo de uma Tautologia e de uma Contradição.

Equivalências Lógicas

Proposições compostas que possuem o mesmo valor lógico em todos os casos possíveis são chamadas de **lógicamente equivalentes**. Também podemos definir este conceito da seguinte forma.

Definição 1.2.2. As proposições compostas p e q são chamadas de *lógicamente equivalentes* se $p \leftrightarrow q$ é uma tautologia. A notação $p \equiv q$ denota que p e q são lógicamente equivalentes.

Nota: O símbolo \equiv não é um conector lógico, e $p \equiv q$ não é uma proposição composta, mas sim a sentença que diz que $p \leftrightarrow q$ é uma tautologia. O símbolo \iff é algumas vezes utilizado em detrimento de \equiv para denotar equivalências lógicas.

Uma forma de determinar se duas proposições compostas são equivalentes é uma utilizar uma tabela de verdade. Em particular, as proposições compostas p e q são equivalentes se e sómente se os valores lógicos nas suas colunas são iguais. O exemplo 1.2.2 ilustra este método por estabelecer uma equivalência lógica extremamente importante e útil, nomeadamente, de $\neg(p \vee q)$ com $\neg p \wedge \neg q$. Esta equivalência lógica é uma das **leis de De Morgan**, apresentadas na tabela 1.2.3, em homenagem ao matemático Augustus De Morgan, do século 19.

Exemplo 1.2.2. Mostre que $\neg(p \wedge q)$ e $\neg p \wedge \neg q$ são lógicamente equivalentes.

Solução A tabela de verdade para estas proposições compostas é apresentada na tabela 1.2.2. Como os valores lógicos das proposições compostas $\neg(p \wedge q)$ e $\neg p \wedge \neg q$ são iguais para todas as combinações possíveis de p e q , concluímos que $\neg(p \wedge q) \leftrightarrow \neg p \wedge \neg q$ é uma tautologia e que estas proposições compostas são lógicamente equivalentes.

p	q	$p \vee q$	$\neg(p \vee q)$	$\neg p$	$\neg q$	$\neg p \wedge \neg q$
V	V	V	F	F	F	F
V	F	V	F	F	V	F
F	V	V	F	V	F	F
F	F	F	V	V	V	V

Tabela 1.2.2: Tabela de verdade de $\neg(p \wedge q)$ e $\neg p \wedge \neg q$.

$\neg(p \wedge q) \equiv \neg p \vee \neg q$
$\neg(p \vee q) \equiv \neg p \wedge \neg q$

Tabela 1.2.3: Leis de De Morgan.

Exemplo 1.2.3. Mostre que $p \rightarrow q$ e $\neg p \vee q$ são lógicamente equivalentes.

Solução Construimos a tabela de verdade para estas proposições compostas na tabela 1.2.4. Como os valores lógicos de $\neg p \vee q$ e $p \rightarrow q$ são iguais, elas são lógicamente equivalentes.

p	q	$\neg p$	$\neg p \vee q$	$p \rightarrow q$
V	V	F	V	V
V	F	F	F	F
F	V	V	V	V
F	F	V	V	V

Tabela 1.2.4: Tabelas de verdade de $\neg p \vee q$ e $p \rightarrow q$.

Exemplo 1.2.4. Mostre que $p \vee (q \wedge r)$ e $(p \vee q) \wedge (p \vee r)$ são logicamente equivalentes. Esta é a *lei distributiva* da disjunção sobre a conjunção.

Solução: Construimos a tabela de verdade destas proposições compostas na tabela 1.2.5. Como os valores lógicos de $p \vee (q \wedge r)$ e $(p \vee q) \wedge (p \vee r)$ iguais, estas duas proposições compostas são logicamente equivalentes.

p	q	r	$q \wedge r$	$p \vee (q \wedge r)$	$p \vee q$	$p \vee r$	$(p \vee q) \wedge (p \vee r)$
V	V	V	V	V	V	V	V
V	V	F	F	V	V	V	V
V	F	V	F	V	V	V	V
V	F	F	F	V	V	V	V
F	V	V	V	V	V	V	V
F	V	F	F	F	V	F	F
F	F	V	F	F	F	V	F
F	F	F	F	F	F	F	F

Tabela 1.2.5: Tabelas de verdade de $p \vee (q \wedge r)$ e $(p \vee q) \wedge (p \vee r)$.

A tabela 1.2.6 contém algumas equivalências importantes. Nestas equivalências, **V** denota a proposição composta que é sempre verdadeira e **F** denota a proposição composta que é sempre falsa.

Equivalência	Nome
$p \wedge \mathbf{V} \equiv p$ $p \vee \mathbf{F} \equiv p$	Leis da Identidade
$p \vee \mathbf{V} \equiv \mathbf{V}$ $p \wedge \mathbf{F} \equiv \mathbf{F}$	Leis da Dominância
$p \vee p \equiv p$ $p \wedge p \equiv p$	Leis da Idempotência
$\neg(\neg p) \equiv p$	Lei da Dupla Negação
$p \vee q \equiv q \vee p$ $p \wedge q \equiv q \wedge p$	Leis Comutativas
$(p \vee q) \vee r \equiv p \vee (q \vee r)$ $(p \wedge q) \wedge r \equiv p \wedge (q \wedge r)$	Leis Associativas
$p \vee (q \wedge r) \equiv (p \vee q) \wedge (p \vee r)$ $p \wedge (q \vee r) \equiv (p \wedge q) \vee (p \wedge r)$	Leis Distributivas
$\neg(p \wedge q) \equiv \neg p \vee \neg q$ $\neg(p \vee q) \equiv \neg p \wedge \neg q$	Leis de De Morgan
$p \vee (p \wedge q) \equiv p$ $p \wedge (p \vee q) \equiv p$	Leis da Absorção
$p \vee \neg p \equiv \mathbf{V}$ $p \wedge \neg p \equiv \mathbf{F}$	Leis da Negação

Tabela 1.2.6: Equivalências Lógicas.

Apresentamos também algumas equivalências úteis que são compostas por proposições compostas que utilizam sentenças condicionais e bicondicionais nas tabelas 1.2.7 e 1.2.8, respectivamente. A verificação das mesmas fica como exercício para o estudante.

$p \rightarrow q \equiv \neg p \vee q$ $p \rightarrow q \equiv \neg q \rightarrow \neg p$ $p \vee q \equiv \neg p \rightarrow q$ $p \wedge q \equiv \neg(p \rightarrow \neg q)$ $\neg(p \rightarrow q) \equiv p \wedge \neg q$ $(p \rightarrow q) \wedge (p \rightarrow r) \equiv p \rightarrow (q \wedge r)$ $(p \rightarrow r) \wedge (q \rightarrow r) \equiv (p \vee q) \rightarrow r$ $(p \rightarrow q) \vee (p \rightarrow r) \equiv p \rightarrow (q \vee r)$ $(p \rightarrow r) \vee (q \rightarrow r) \equiv (p \wedge q) \rightarrow r$
--

Tabela 1.2.7: Equivalências Lógicas envolvendo sentenças condicionais.

$p \leftrightarrow q \equiv (p \rightarrow q) \wedge (q \rightarrow p)$
$p \leftrightarrow q \equiv \neg p \leftrightarrow \neg q$
$p \leftrightarrow q \equiv (p \wedge q) \vee (\neg p \wedge \neg q)$
$\neg(p \leftrightarrow q) \equiv p \leftrightarrow \neg q$

Tabela 1.2.8: Equivalências Lógicas envolvendo sentenças bicondicionais.

Utilizando as leis de De Morgan

As duas equivalências lógicas conhecidas como as leis de De Morgan são particularmente importantes. Elas nos dizem como negar conjunções e disjunções. Em particular, a equivalência $\neg(p \vee q) \equiv \neg p \wedge \neg q$ nos diz que a negação de uma disjunção é formada pela conjunção das negações das proposições que a compõem. Similarmente, a equivalência $\neg(p \wedge q) \equiv \neg p \vee \neg q$ nos diz que a negação da conjunção é formada pela disjunção das negações das proposições que a compõem. O exemplo 1.2.5 ilustra a utilização das leis de De Morgan.

Exemplo 1.2.5. Utilize as leis de De Morgan para expressar as negações de “O Miguel possui um telemóvel e um laptop” e “A Manuela irá ao concerto ou Sérgio irá ao concerto”.

Solução: Seja p a sentença “O Miguel possui um telemóvel” e q a sentença “Miguel possui um laptop”. Então a sentença “O Miguel possui um telemóvel e um laptop” pode ser representada por $p \wedge q$. Pela primeira lei de De Morgan, $\neg(p \wedge q)$ é equivalente a $\neg p \vee \neg q$. Consequentemente, podemos expressar a negação da sentença original como “o Miguel não possui um telemóvel ou não possui um laptop”.

Seja r “A Manuela irá ao concerto” e s “Sérgio irá ao concerto”. Então “A Manuela irá ao concerto ou Sérgio irá ao concerto” pode ser representada por $r \vee s$. Pela segunda lei de De Morgan, $\neg(r \vee s)$ é equivalente a $\neg r \wedge \neg s$. Consequentemente, podemos expressar a negação da nossa sentença original como “A Manuela não irá ao concerto e o Sérgio não irá ao concerto”.

Construindo Novas Equivalências Lógicas

As equivalências lógicas apresentadas na tabela 1.2.6 e outras que foram estabelecidas (como as das tabelas 1.2.7 e 1.2.8), podem ser utilizadas para construir novas equivalências lógicas. A justificação disto é que uma proposição numa proposição composta pode ser substituída por outra proposição composta que seja logicamente equivalente sem alterar os valores lógicos na proposição composta original. Esta técnica é ilustrada nos exemplos 1.2.6 à 1.2.7, onde também utilizamos o facto de que se p e q são logicamente equivalentes e q e r são logicamente equivalentes, então, p e r são logicamente equivalentes.

Exemplo 1.2.6. Mostre que $\neg(p \rightarrow q)$ e $p \wedge \neg q$ são logicamente equivalentes.

Solução: Poderíamos facilmente utilizar uma tabela de verdade para provar que estas duas sentenças são logicamente equivalentes (tal como fizemos anteriormente). No entanto, queremos ilustrar como utilizar as identidades lógicas que conhecemos para estabelecer novas identidades lógicas, que é

algo de importância prática no estabelecimento de equivalências lógicas de proposições compostas com um número elevado de variáveis. Sendo assim, iremos estabelecer esta equivalência por desenvolver uma série de equivalências lógicas utilizando as equivalências da tabela 1.2.6 de cada vez, começando por $\neg(p \rightarrow q)$ e terminando em $p \wedge \neg q$. Temos as seguintes equivalências.

$$\begin{aligned}\neg(p \rightarrow q) &\equiv \neg(\neg p \vee q) && \text{pelo exemplo 1.2.3} \\ &\equiv \neg(\neg p) \wedge \neg q && \text{pela segunda lei de De Morgan} \\ &\equiv p \wedge \neg q && \text{pela lei da dupla negação}\end{aligned}$$

Exemplo 1.2.7. Mostre que $\neg(p \vee (\neg p \wedge q))$ e $\neg p \wedge \neg q$ são logicamente equivalentes por desenvolver uma série de equivalências lógicas.

Solução: Iremos utilizar uma das equivalências na tabela 1.2.6 uma de cada vez, começando por $\neg(p \vee (\neg p \wedge q))$ e terminando com $\neg p \wedge \neg q$. Teremos as seguintes equivalências.

$$\begin{aligned}\neg(p \vee (\neg p \wedge q)) &\equiv \neg p \wedge \neg(\neg p \wedge q) && \text{pela segunda lei de De Morgan} \\ &\equiv \neg p \wedge [\neg(\neg p) \vee \neg q] && \text{pela primeira lei de De Morgan} \\ &\equiv \neg p \wedge (p \vee \neg q) && \text{pela lei da dupla negação} \\ &\equiv (\neg p \wedge p) \vee (\neg p \wedge \neg q) && \text{pela segunda lei distributiva} \\ &\equiv \mathbf{F} \vee (\neg p \wedge \neg q) && \text{porque } \neg p \wedge p \equiv \mathbf{F} \\ &\equiv (\neg p \wedge \neg q) \vee \mathbf{F} && \text{pela lei comutativa da disjunção} \\ &\equiv \neg p \wedge \neg q && \text{pela lei da identidade para } \mathbf{F}\end{aligned}$$

Satisfabilidade Proposicional

Um proposição composta é **satisfazível** se existe uma atribuição de valores lógicos às suas variáveis que a torna verdadeira. Quando tais atribuições não existem, isto é, quando a proposição composta é falsa para todas as atribuições de valores lógicos às variáveis, a proposição composta é **insatisfazível**. Note que uma proposição composta é insatisfazível se e somente se a sua negação é verdadeira para todas as atribuições de valores lógicos às suas variáveis, isto é, se e somente se a sua negação é uma tautologia.

Quando encontramos uma atribuição de valores lógicos que torna a proposição composta verdadeira, demonstramos que ela é satisfazível; essa tal atribuição é chamada de **solução** deste problema de satisfabilidade. No entanto, para mostrar que uma proposição composta é insatisfazível, devemos mostrar que *toda* a atribuição de valores lógicos às suas variáveis a torna falsa. Embora possamos utilizar sempre uma tabela de verdade para determinar se uma proposição composta é satisfazível, geralmente é mais eficiente não utilizar uma, tal como indica o exemplo 1.2.8.

Exemplo 1.2.8. Determine se cada uma das proposições compostas $(p \vee \neg q) \wedge (q \vee \neg r) \wedge (r \vee \neg p)$, $(p \vee q \vee r) \wedge (\neg p \vee \neg q \vee \neg r)$ e $(p \vee \neg q) \wedge (q \vee \neg r) \wedge (r \vee \neg p) \wedge (p \vee q \vee r) \wedge (\neg p \vee \neg q \vee \neg r)$ é satisfazível.

Solução: Ao invés de utilizar uma tabela de verdade para resolver este problema, iremos raciocinar sobre os valores lógicos. Note que $(p \vee \neg q) \wedge (q \vee \neg r) \wedge (r \vee \neg p)$

$\neg r) \wedge (r \vee \neg p)$ é verdadeiro quando as três variáveis p, q e r possuem os mesmos valores lógicos. Assim, a proposição composta é satisfazível pois existe pelo menos uma atribuição de valores lógicos para p, q e r que a torna verdadeira. Similarmente, note que $(p \vee q \vee r) \wedge (\neg p \vee \neg q \vee \neg r)$ é verdadeira quando pelo menos um entre p, q e r é verdadeiro e pelo menos um é falso. Assim, $(p \vee q \vee r) \wedge (\neg p \vee \neg q \vee \neg r)$ é satisfazível pois existe pelo menos uma atribuição de valores lógicos para p, q e r que a torna verdadeira.

Finalmente note que para $(p \vee \neg q) \wedge (q \vee \neg r) \wedge (r \vee \neg p) \wedge (p \vee q \vee r) \wedge (\neg p \vee \neg q \vee \neg r)$ ser verdadeira, $(p \vee \neg q) \wedge (q \vee \neg r) \wedge (r \vee \neg p)$ e $(p \vee q \vee r) \wedge (\neg p \vee \neg q \vee \neg r)$ devem ambas ser verdadeiras. Para a primeira ser verdadeira, as três variáveis devem possuir o mesmo valor lógico, e para a segunda ser verdadeira, pelo menos uma entre três variáveis deve ser verdadeira e pelo menos uma deve ser falsa. No entanto, estas condições são contraditórias. Destas observações podemos concluir que nenhuma atribuição de valores lógicos a p, q e r torna $(p \vee \neg q) \wedge (q \vee \neg r) \wedge (r \vee \neg p) \wedge (p \vee q \vee r) \wedge (\neg p \vee \neg q \vee \neg r)$ verdadeiro. Logo é insatisfazível.

1.3 Predicados e Quantificadores

Introdução

Predicados

Quantificadores

Quantificadores com Domínios Restritos

Precedência de Quantificadores

Variáveis Ligadas

Equivalência Lógicas Involvido Quantificadores

Negação de Expressões Quantificadas

Tradução de Expressões Lógicas

1.4 Quantificadores Aninhados

Sentenças Involvido Quantificadores Aninhados

A Ordem dos Quantificadores

Sentenças Matemáticas e Sentenças Involvido Quantificadores Aninhados

Tradução de Quantificadores Aninhados para Português

Negação de Quantificadores Aninhados

1.5 Regras de Inferência

1.6 Demonstrações

1.7 Métodos e Estratégias de Demonstração

Exercícios do Capítulo 1

1. Quais das seguintes frases são proposições?
 - (a) A lua é feita de queijo verde.
 - (b) Ele é certamente, um homem alto.
 - (c) Dois é um número primo.
 - (d) O jovo vai acabar logo?
 - (e) Os juro vão subir ano que vem.
 - (f) Os juro vão descer ano que vem.
 - (g) $x^2 - 4 = 0$.
2. Qual das seguintes sentenças é uma proposição? Quais são os valores de verdade para as que são proposições?
 - (a) Lisboa é a capital do Brasil.
 - (b) $2 + 3 = 5$
 - (c) Que horas são?
 - (d) $2^n \geq 100$
 - (e) A lua é feita de queijo.
3. Qual é a negação de cada uma das seguintes proposições?
 - (a) A Joana tem um leitor de MP3.
 - (b) Não existe poluição em Luanda.
 - (c) $2 + 2 = 4$
 - (d) O Paulo e o Tomás são amigos.
 - (e) A Maria envia mais de 100 SMS por dia.
4. Suponha que o telemóvel A tenha 256 MB de RAM e 32 GB de ROM e que a sua resolução gráfica seja de 8 MP; o telemóvel B possui 288 MB de RAM, 64 GB de ROM e 4 MP de resolução gráfica; e por fim o telemóvel C possui 128 MB de RAM, 32 GB de ROM e 5 MP de resolução gráfica. Determine o valor de verdade para cada uma das seguintes proposições.
 - (a) O telemóvel B possui a maior capacidade de RAM.
 - (b) O telemóvel C possui a maior capacidade de ROM ou maior resolução gráfica do que o telemóvel B.

- (c) O telemóvel B possui mais RAM, mais ROM e mais MP do que o telemóvel A.
 - (d) Se o telemóvel B possui mais RAM e mais ROM que o telemóvel C, então também possui a maior resolução gráfica.
 - (e) O telemóvel A possui mais RAM do que o telemóvel B se e somente se o telemóvel B possui mais RAM do que o telemóvel A.
5. Sejam p e q as proposições
- p : Eu comprei um bilhete para o teatro esta semana
 - q : Eu ganhei um milhão de kwanzas na loteria
- Expresse cada uma das seguintes proposições como sentenças em Português.
- (a) $\neg p$
 - (b) $p \vee q$
 - (c) $p \rightarrow q$
 - (d) $p \wedge q$
 - (e) $p \leftrightarrow q$
 - (f) $\neg p \rightarrow \neg q$
 - (g) $\neg p \wedge \neg q$
 - (h) $\neg p \vee (p \vee q)$
6. Determine se os seguintes bicondicionais são verdadeiros ou falsos.
- (a) $2 + 2 = 4$ se e somente se $1 + 1 = 2$.
 - (b) $1 + 1 = 2$ se e somente se $2 + 3 = 4$.
 - (c) $1 + 1 = 3$ se e somente se macacos conseguem voar.
 - (d) $0 > 1$ se e somente se $2 > 1$.
7. Escreva cada uma das sentenças abaixo na forma “Se p então q ”.
- (a) É necessário lavar o carro do chefe para ser promovido.
 - (b) Quando o vento vem do sul significa que a primavera aproxima-se.
 - (c) Uma condição suficiente para que a garantia seja válida é a de que o computador foi comprado a menos de um ano.
 - (d) O Pedro é apanhado toda vez que cabula.
 - (e) Obterás acesso ao *website* se pagares a taxa de subscrição.
 - (f) Para ser eleito deves conhecer as pessoas certas.
8. Construa a tabela de verdade para as seguintes proposições
- (a) $p \oplus p$
 - (b) $p \oplus \neg p$
 - (c) $p \oplus \neg q$
 - (d) $\neg p \oplus \neg q$
 - (e) $(p \oplus q) \vee (p \oplus \neg q)$

- (f) $(p \oplus q) \wedge (p \oplus \neg q)$
- (g) $((p \rightarrow q) \rightarrow r) \rightarrow s$.
9. Explique, sem utilizar uma tabela de verdade, porquê $(p \vee \neg q) \wedge (q \vee \neg r) \wedge (r \vee \neg p)$ é verdade quando p, q e r possuem os mesmos valores de verdade e falso em caso contrário.
10. O soba de uma vila diz que existe um barbeiro numa outra vila muito distante, que apenas faz a barba à pessoas e somente à pessoas que não fazem a barba por si próprias. Será que este barbeiro existe?
11. Utiliza a lei de DeMorgan para encontrar a negação para cada uma das seguintes sentenças.
- (a) O Ndongala vai procurar um emprego ou terminar a licenciatura.
- (b) A Luísa percebe Java e Estrutura Discreta.
- (c) O Nadilson é jovem e forte.
- (d) A Rebecca vai viajar para o Brasil ou para a Espanha.
12. Utilize tabelas de verdade para verificar as seguintes leis da absorção
- (a) $p \vee (p \wedge q) \equiv p$
- (b) $p \wedge (p \vee q) \equiv p$
13. Mostre que $(p \rightarrow q) \wedge (q \rightarrow r) \rightarrow (p \rightarrow r)$ é uma tautologia
14. Encontre uma proposição composta envolvendo as variáveis p, q e r que seja verdadeira quando p e q são verdadeiros e r é falso, mas que seja falso em caso contrário.
15. Encontre uma proposição composta logicamente equivalente a $p \rightarrow q$ utilizando apenas o operador \downarrow .
- Nota:** O símbolo \downarrow representa o operador *NOR* (ou negação do operador \vee). A proposição p *NOR* q é verdadeira quando ambos p e q são falsos, e falsa em caso contrário.
16. Demonstre que as seguintes proposições são logicamente equivalentes
- (a) $p \leftrightarrow q$ e $(p \wedge q) \vee (\neg p \wedge \neg q)$
- (b) $\neg(p \leftrightarrow q)$ e $p \leftrightarrow \neg q$
- (c) $p \rightarrow q \wedge (p \rightarrow r)$ e $p \rightarrow (q \wedge r)$
17. Cada habitante de uma vila remota sempre diz a verdade ou mente. Um habitante desta vila irá apenas responder com “Sim” ou “Não” a uma pergunta feita por um turista. Imagine que és um turista em visita a esta cidade e encontras um ponto onde a estrada divide-se em dois caminhos: um que leva para o teu destino e outra que leva para uma floresta perigosa. Um habitante da vila está mesmo ao lado do ponto da estrada em que te encontras. Qual é pergunta que deves fazer a este habitante para obteres a resposta que desejas sobre o caminho a tomar para chegar ao teu destino?

18. Ao planejar uma festa pretendes identificar a quem convidar. No grupo de amigos que queres convidar, existem três amigos esquisitos. Sabes que se a Joana for, ela não vai ficar contente se o Samuel for. Samuel irá a festa apenas se a Katia também for e a Kátia não irá a festa ao menos que Joana também não vá. Entre estes três amigos quais deves convidar para garantir que ninguém fique infeliz.
19. Seja $P(x)$ a expressão “a palavra x contém a letra a ”. Quais são os valores de verdade para?
- (a) $P(laranja)$
 - (b) $P(limo)$
 - (c) $P(verdade)$
 - (d) $P(difícil)$
 - (e) $P(falso)$
20. Seja $P(x)$ a expressão “ x perde mais do que cinco horas por dia no Facebook”, onde o domínio para x consiste em todos os estudantes. Descreve cada uma das expressões a seguir em Português.
- (a) $\exists x P(x)$
 - (b) $\forall x P(x)$
 - (c) $\exists x \neg P(x)$
 - (d) $\forall x \neg P(x)$
21. Traduza as seguintes expressões para Português, onde $C(x)$ é “ x é um comediante” e $E(x)$ é “ x é muito engraçado” e o domínio que consiste em todas as pessoas.
- (a) $\forall x (C(x) \rightarrow E(x))$
 - (b) $\forall x (C(x) \wedge E(x))$
 - (c) $\exists x (C(x) \rightarrow E(x))$
 - (d) $\exists x (C(x) \wedge E(x))$
22. Seja $Q(x)$ a expressão “ $x + 1 > 2$ ”. Se o domínio consiste em todos os números inteiros, quais são os valores de verdade para
- (a) $Q(0)$
 - (b) $Q(-1)$
 - (c) $Q(1)$
 - (d) $\exists x Q(x)$
 - (e) $\forall x Q(x)$
 - (f) $\exists x \neg Q(x)$
 - (g) $\forall x \neg Q(x)$
23. Determine os valores de verdade para cada uma das seguintes afirmações se o domínio de todas as variáveis consiste no conjunto dos números inteiros.

- (a) $\forall n(n^2 \geq 0)$
 (b) $\exists n(n^2 = n)$
 (c) $\forall n(n^2 \geq n)$
 (d) $\exists n(n^2 < 0)$
24. Suponha que o domínio das funções proposicionais $P(x)$ consiste nos inteiros 0, 1, 2, 3 e 4. Reescreva cada uma das proposições utilizando disjunções, conjunções e negações.
- (a) $\exists x P(x)$
 (b) $\forall x P(x)$
 (c) $\exists x \neg P(x)$
 (d) $\forall x \neg P(x)$
 (e) $\neg \exists x P(x)$
 (f) $\neg \forall x P(x)$
25. Para as seguintes afirmações, encontre um domínio de tal forma que a afirmação seja verdadeira e um domínio de tal forma que a afirmação seja falsa.
- (a) Todo o mundo está a estudar Estruturas Discretas.
 (b) Todos têm mais de 21 anos.
 (c) Duas pessoas diferentes não possuem a mesma avó.
 (d) Todo mundo fala Japonês.
 (e) Alguém conhece mais do que duas pessoas.
26. Traduza as seguintes afirmações em expressões lógicas utilizando predicados, quantificadores e conectores lógicos.
- (a) Ninguém é perfeito.
 (b) Nem todo o mundo é perfeito.
 (c) Todos os teus amigos são perfeitos.
 (d) Pelo menos, um dos teus amigos é perfeito.
 (e) Alguém na tua sala foi nascido no século 21.
 (f) Tudo está no sítio certo e em perfeitas condições.
27. Determine se $\forall x(P(x) \rightarrow Q(x))$ e $\forall x P(x) \rightarrow \forall x Q(x)$ são logicamente equivalentes. Justifique a sua resposta.
28. Seja $G(x)$ a expressão “ x possui um gato”, seja $C(x)$ a expressão “ x possui um cão” e seja $F(x)$ a expressão “ x possui um furão”. Expresse cada uma das seguintes sentenças em termos de $G(x)$, $C(x)$, $F(x)$, quantificadores e conectores lógicos. O domínio é o conjunto dos estudantes da tua sala.
- (a) Um estudante na tua sala possui um gato, um cão e um furão.
 (b) Todos os estudantes na tua sala possuem um gato, um cão ou um furão.

- (c) Alguns estudantes na tua sala possuem um gato e um furão, mas não possuem um cão.
- (d) Nenhum estudante na tua sala possui um gato, um cão e um furão.
29. Seja $P(x)$ a sentença “ $x = x^2$.” Se o domínio consiste dos números inteiros, qual é o valor lógico das seguintes expressões:
- (a) $P(0)$
- (b) $P(1)$
- (c) $P(2)$
- (d) $P(-1)$
- (e) $\exists x P(x)$
- (f) $\forall x P(x)$
30. Traduza cada uma das seguintes sentenças em expressões lógicas utilizando predicados, quantificadores e conectores lógicos.
- (a) Ninguém é perfeito.
- (b) Todos os teus amigos são perfeitos.
- (c) Pelo menos um dos teus amigos é perfeito.
- (d) Todos são teus amigos e são perfeitos.
31. Seja $Q(x, y)$ a sentença “ x enviou um email a y ”, onde o domínio de x e y consiste em todos os estudantes da tua sala. Expresse cada uma das seguintes quantificações em Português.
- (a) $\exists x \exists y Q(x, y)$
- (b) $\exists x \forall y Q(x, y)$
- (c) $\forall x \exists y Q(x, y)$
- (d) $\exists y \forall x Q(x, y)$
32. Encontre um contra-exemplo, quando possível, para estas quantificações universais, onde o domínio das variáveis consiste no conjunto dos números inteiros.
- (a) $\forall x \exists y (x = 1/y)$
- (b) $\forall x \exists y (y^2 - x < 100)$
- (c) $\forall x \forall y (x^2 \neq y^3)$

Exercícios com Programação

Escreva programas de computador com as entradas e saídas especificadas.

1. Dado os valores lógicos das proposições p e q , encontre os valores lógicos da conjunção, disjunção inclusiva, disjunção exclusiva, condicional e a bicondicional destas proposições.
2. Dada uma proposição composta, determinar se é satisfazível por verificar os seus valores lógicos para todos as atribuições positivas de valores lógicos às suas variáveis proposicionais.

Capítulo 2

Demonstrações, recorrência e análise de algoritmos

Exercícios

Demonstrações

Recorrência

Análise de algoritmos

Exercícios com programação

Capítulo 3

Conjuntos, Funções, Matrizes e Sequências

3.1 Conjuntos

Introdução

Nesta secção estudaremos as estruturas discretas fundamentais nas quais todas as outras estruturas discretas são construídas, nomeadamente, os conjuntos. Os conjuntos são utilizados para agrupar objectos. Geralmente, mas não sempre, os objectos num conjunto possuem propriedades semelhantes. Por exemplo, todos os estudantes que estão inscritos na Universidade Agostinho Neto formam um conjunto. Da mesma forma, todos os estudantes actualmente inscritos na disciplina de Estruturas Discretas em qualquer Universidade formam um conjunto. Além disso, estes estudantes inscritos na Universidade Agostinho Neto e inscritos na disciplina de Estruturas Discretas formam um conjunto composto pelos os elementos em comum das duas primeiras coleções.

A linguagem dos conjuntos é uma forma de se estudar tais coleções de forma organizada. Daremos a seguir uma definição do termo “conjunto”. Esta definição é apenas intuitiva e não é parte da definição formal da teoria dos conjuntos.

Definição 3.1.1. (Conjunto) Um conjunto é uma colecção não-ordenada de objectos, chamados de *elementos* ou *membros* do conjunto. Diz-se que um conjunto *contém* elementos. Escrevemos $a \in A$ para denotar que a é um elemento do conjunto. A notação $a \notin A$ denota que a não é um elemento do conjunto A .

É comum representar os conjuntos com letras maiúsculas. As letras minúsculas são geralmente utilizadas para denotar os elementos dos conjuntos. Existem diversas formas de descrever um conjunto. Uma delas é por listar todos os elementos do conjunto, quando isto é possível. Utilizamos as chavetas para denotar um conjunto com todos os elementos listados. Por exemplo, a notação $\{a, b, c, d\}$ representa o conjunto com os quatro elementos a, b, c e d . Esta forma de descrever um conjunto é conhecida como **método de listagem**.

Exemplo 3.1.1. O conjunto V de todas as vogais no alfabeto Português pode ser escrito como $V = \{a, e, i, o, u\}$.

Exemplo 3.1.2. O conjunto I de todos os inteiros positivos menores que 10 pode ser escrito como $I = \{1, 3, 5, 7, 9\}$.

Exemplo 3.1.3. Embora os conjuntos são geralmente utilizados para agrupar elementos com propriedades comuns, não existe alguma restrição que impeça-os de possuírem elementos não relacionados. Por exemplo, $\{a, 2, \text{Francisco}, \text{Malange}\}$ é o conjunto que contém os quatro elementos $a, 2, \text{Francisco}$ e Malanje .

Por vezes o método de listagem é utilizado para descrever um conjunto sem listar todos os seus elementos. Alguns elementos são listados e a seguir elípses ou reticências (...) são acrescentadas quando o padrão geral dos elementos é óbvio.

Exemplo 3.1.4. O conjunto dos números positivos inteiros menores que 100 pode ser denotado por $\{1, 2, 3, \dots, 99\}$.

Uma outra forma de descrever um conjunto é por utilizar um **constructor de conjunto**. Caracterizamos os elementos de um conjunto por definir uma propriedade ou propriedades que os elementos devam possuir para fazer parte do conjunto. Por exemplo, o conjunto I , de todos os números positivos inteiros menores que 10 pode ser escrito como:

$$O = \{x \mid x \text{ é um inteiro positivo menor que } 10.\}$$

ou, especificando o universo como o conjunto dos inteiros positivos, da seguinte maneira:

$$O = \{x \in \mathbb{Z}^+ \mid x \text{ é ímpar e } x < 10\}$$

Geralmente utilizamos esta notação para descrever conjuntos onde é impossível listar todos os elementos do conjunto. Por exemplo, o conjunto \mathbb{Q}^+ de todos os números racionais positivos pode ser escrito como:

$$\mathbb{Q}^+ = \{x \in \mathbb{R} \mid x = \frac{p}{q} \text{ para alguns inteiros positivos } p \text{ e } q.\}$$

Cada um dos conjuntos abaixo, denotados por uma letra maiúscula a negrito, tem um papel importante na matemática discreta:

1. $\mathbf{N} = \{0, 1, 2, 3, \dots\}$, o conjunto dos **números naturais**
2. $\mathbf{Z} = \{\dots, -2, -1, 0, 1, 2, \dots\}$, o conjunto dos **inteiros**
3. $\mathbf{Z}^+ = \{1, 2, \dots\}$, o conjunto dos **inteiros positivos**
4. $\mathbf{Q} = \{p/q \mid p \in \mathbf{Z}, q \in \mathbf{Z}, \text{ e } q \neq 0\}$, o conjunto dos **números racionais**
5. \mathbf{R} , o conjunto dos **números reais**
6. \mathbf{R}^+ , o conjunto dos **números reais positivos**
7. \mathbf{C} , o conjunto dos **números complexos**

Note que que algumas pessoas não consideram o 0 como um número natural, portanto tena cuidado na utilização do termo *número natural* quando lê outros conteúdos/livros.

Conjuntos podem ter outros conjuntos como seus elementos, como ilustra o exemplo 3.1.5.

Exemplo 3.1.5. O conjunto $\{\mathbf{N}, \mathbf{Z}, \mathbf{Q}, \mathbf{R}\}$ é um conjunto constituído por quatro elementos, sendo cada um deles um conjunto.

Nota: O conceito de tipo de dados na Ciência da Computação é construído sobre o conceito de um conjunto. Em particular um **tipo de dados** é o nome de um conjunto, juntamente com um conjunto de operações que podem ser realizadas nos objectos de tal conjunto. Por exemplo, *boolean* é o nome do conjunto $\{0, 1\}$ juntamente com as operações em um ou mais elementos deste conjunto, tais como AND, OR e NOT.

Como muitas sentenças matemáticas afirmam que duas coleções de objectos especificadas de forma diferente são na verdade o mesmo conjunto, precisamos entender o que significa igualdade de dois conjuntos.

Definição 3.1.2. Dois conjuntos são *iguais* se e somente se possuem os mesmos elementos. Portanto, se A e B são conjuntos, então A e B são iguais se e somente se $\forall x(x \in A \leftrightarrow x \in B)$. Escrevemos $A = B$ se A e B são conjuntos iguais.

Exemplo 3.1.6. Os conjuntos $\{1, 3, 5\}$ e $\{3, 5, 1\}$ são iguais porque possuem os mesmos elementos. Note que a ordem em que os elementos de um conjuntos são listados não interessa. Note também que não importa se um elemento de um conjunto é listado mais de uma vez, portanto, o conjunto $\{1, 3, 3, 3, 5, 5, 5, 5\}$ é o mesmo conjunto que $\{1, 3, 5\}$ pois possuem os mesmos elementos.

O CONJUNTO VAZIO Existe um conjunto especial que não possui elementos. Este conjunto é chamado de **conjunto vazio** ou **conjunto nulo**, e é denotado por \emptyset . O conjunto vazio pode também ser denotado por $\{\}$ (isto é, representamos o conjunto com um par de chavetas que inclui todos os elementos neste grupo). Geralmente, um conjunto de elementos com certas propriedades acaba por transformar-se num conjunto vazio. Por exemplo, o conjunto de todos os inteiros positivos que são maiores que os seus quadrados é um conjunto vazio.

Um conjunto com apenas um elemento é chamado de **conjunto unitário**. Um erro comum é confundir o conjunto vazio \emptyset com o conjunto $\{\emptyset\}$, que é um conjunto unitário. O único elemento do conjunto $\{\emptyset\}$ é o próprio conjunto vazio! Uma analogia útil para lembrar-se desta diferença é pensar nos directórios ou pastas de um computador. O conjunto vazio nesta analogia seria uma pasta vazia e o conjunto composto pelo conjunto vazio seria uma pasta com apenas um elemento, nomeadamente, uma pasta vazia.

Subconjuntos

É comum encontrarmos situações onde os elementos de um conjunto são também elementos de um segundo conjunto. Iremos agora introduzir alguma terminologia e notações para expressar estas relações entre conjuntos.

Definição 3.1.3. O conjunto A é um *subconjunto* de B se e somente se todo elemento de A é também um elemento de B . Utilizamos a notação $A \subseteq B$ para indicar que A é um subconjunto do conjunto B .

Nós vemos que $A \subseteq B$ se e somente se a quantificação

$$\forall x(x \in A \rightarrow x \in B)$$

é verdadeira. Note que para provar que A não é um subconjunto de B precisamos apenas encontrar um elemento $x \in A$ com $x \notin B$. Um elemento x com estas características é chamado de contra-exemplo da afirmação de que $x \in A$ implica $x \in B$.

Exemplo 3.1.7. O conjunto de todos os números ímpares positivos menores que 10 é um subconjunto do conjunto de todos os inteiros positivos menores que 10. O conjunto dos números racionais é um subconjunto do conjunto dos números reais.

Teorema 1 Para todo conjunto S , $\emptyset \subseteq S$ e $S \subseteq S$

Para mostrar que dois conjuntos são A e B são iguais, mostre que $A \subseteq B$ e $B \subseteq A$. Os conjuntos podem ter outros conjuntos como membros. Por exemplo, temos os conjuntos

$$A = \{\emptyset, \{a\}, \{b\}, \{a, b\}\} \text{ e } B = \{x \mid x \text{ é um subconjunto do conjunto } \{a, b\}\}$$

Note que estes dois conjuntos são iguais, isto é, $A = B$. Note também que $\{a\} \in A$, mas $a \notin A$.

O Tamanho de um Conjunto

Conjuntos são extensivamente utilizados em problemas de contagem, e para esta utilização precisamos discutir o tamanho dos conjuntos.

Definição 3.1.4. Seja S um conjunto. Se existem exactamente n elementos distintos em S onde n é um inteiro não negativo, dizemos que S é um *conjunto finito* e que n é a cardinalidade de S . A cardinalidade de S é denotada por $|S|$.

Definição 3.1.5. Um conjunto é chamado de *infinito* quando não é finito.

Conjunto - Potência

Muitos problemas envolvem a necessidade de testar todas as combinações possíveis de elementos de um conjunto para ver se os mesmos satisfazem alguma propriedade. Para considerar todas estas combinações de elementos de um conjunto S , construímos um novo conjunto que possui como elementos, todos os subconjuntos de S .

Definição 3.1.6. Dado um conjunto S , o conjunto-potência de S é o conjunto de todos os subconjuntos do conjunto S . O conjunto-potência de S é denotado por \mathcal{P} .

Exemplo 3.1.8. Qual é o conjunto-potência do conjunto $\{0, 1, 2\}$?

Solução: O conjunto-potência $\mathcal{P}(\{0, 1, 2\})$ é o conjunto de todos os subconjuntos de $\{0, 1, 2\}$. Sendo assim

$$\mathcal{P}(\{0, 1, 2\}) = \{\emptyset, \{0\}, \{1\}, \{2\}, \{0, 1\}, \{0, 2\}, \{1, 2\}, \{0, 1, 2\}\}.$$

Exemplo 3.1.9. Qual é o conjunto-potência do conjunto vazio? Qual é o conjunto potência do conjunto $\{\emptyset\}$?

Solução: O conjunto vazio possui exactamente um subconjunto, nomeadamente, si próprio. Consequentemente

$$\mathcal{P}(\emptyset) = \{\emptyset\}.$$

O conjunto $\{\emptyset\}$ possui exactamente dois subconjuntos, nomeadamente, \emptyset e o conjunto $\{\emptyset\}$. Portanto,

$$\mathcal{P}(\{\emptyset\}) = \{\emptyset, \{\emptyset\}\}.$$

Se um conjunto possui n elementos, então o seu conjunto-potência possui 2^n elementos. Iremos demonstrar este facto de várias formas em secções subseqüentes.

Produto Cartesiano

A ordem dos elementos numa coleção geralmente é importante. Como os conjuntos são não-ordenados, uma estrutura diferente é necessária para representar coleções ordenadas. Isto é providenciado pelas **n-tuplas ordenadas**.

Definição 3.1.7. A *n-tupla ordenada* (a_1, a_2, \dots, a_n) é a coleção ordenada que possui a_1 como o seu primeiro elemento, a_2 como o seu segundo, \dots , e a_n como o seu n^o elemento (ou elemento de ordem n).

Dizemos que duas n -tuplas ordenadas são iguais se e somente se cada par correspondente dos seus elementos são iguais. Por outras palavras, $(a_1, a_2, \dots, a_n) = (b_1, b_2, \dots, b_n)$ se e somente se $a_i = b_i$, para $i = 1, 2, \dots, n$. Em particular, 2-tuplas ordenadas são chamadas de **pares ordenados**. Os pares ordenados (a, b) e (c, d) são iguais se e somente se $a = c$ e $b = d$. Note (a, b) e (b, a) não são iguais ao menos que $a = b$.

Muitas das estruturas discretas que iremos estudar em capítulos posteriores são baseadas na noção de *produto Cartesiano* (em homenagem ao matemático francês René Descartes). Iremos primeiramente definir o produto cartesiano de dois conjuntos.

Definição 3.1.8. Sejam A e B dois conjuntos. O *produto Cartesiano* de A e B , denotado por $A \times B$, é o conjunto de todos os pares ordenados (a, b) , onde $a \in A$ e $b \in B$. Assim,

$$A \times B = \{(a, b) \mid a \in A \wedge b \in B\}.$$

Exemplo 3.1.10. Qual é o produto Cartesiano de $A = \{1, 2\}$ e $B = \{a, b, c\}$?

Solução: O produto Cartesiano $A \times B$ é

$$A \times B = \{(1, a), (1, b), (1, c), (2, a), (2, b), (2, c)\}.$$

Note que o produto Cartesiano $A \times B$ e $B \times A$ não são equivalentes, ao menos que $A = \emptyset$ ou $B = \emptyset$ (de tal forma que $A \times B = \emptyset$ ou $A = B$). Isto é ilustrado no exemplo 3.1.11.

Exemplo 3.1.11. Mostre que o produto Cartesiano $B \times A$ não é igual ao produto cartesiano $A \times B$ onde A e B são os mesmos do exemplo 3.1.10.

Solução: O produto Cartesiano $B \times A$ é

$$B \times A = \{(a, 1), (a, 2), (b, 1), (b, 2), (c, 1), (c, 2)\}.$$

Este resultado é diferente de $A \times B$ obtido no exemplo 3.1.10.

Definição 3.1.9. O *produto Cartesiano* dos conjuntos A_1, A_2, \dots, A_n , denotado por $A_1 \times A_2 \times \dots \times A_n$, é o conjunto de pares ordenados de n -tuplas ordenadas (a_1, a_2, \dots, a_n) onde a_i pertence a A_i para $i = 1, 2, \dots, n$. Em outras palavras,

$$A_1 \times A_2 \times \dots \times A_n = \{(a_1, a_2, \dots, a_n) \mid a_i \in A_i \text{ para } i = 1, 2, \dots, n\}.$$

Exemplo 3.1.12. Qual é o produto Cartesiano $A \times B \times C$, onde $A = \{0, 1\}$, $B = \{1, 2\}$ e $C = \{0, 1, 2\}$?

Solução: O produto Cartesiano $A \times B \times C$ consiste em todas as triplas ordenadas (a, b, c) , onde $a \in A$, $b \in B$, e $c \in C$. Assim,

$$A \times B \times C = \{(0, 1, 0), (0, 1, 1), (0, 1, 2), (0, 2, 0), (0, 2, 1), (0, 2, 2), (1, 1, 0), (1, 1, 1), (1, 1, 2), (1, 2, 0), (1, 2, 1), (1, 2, 2)\}$$

Utilizando a Notação de Conjuntos com Quantificadores

Por vezes restringimos o domínio de uma sentença quantificada por explicitamente utilizar uma notação em particular. Por exemplo, $\forall x \in S(P(x))$ denota a quantificação universal de $P(x)$ para todos os elementos do conjunto S . Em outras palavras, $\forall x \in S(P(x))$ é a simplificação de $\forall x(x \in S \rightarrow P(x))$. Similarmente, $\exists x \in S(P(x))$ denota a quantificação existencial de $P(x)$ sobre os elementos em S . Isto é, $\exists x \in S(P(x))$ é a simplificação de $\exists x(x \in S \wedge P(x))$.

Exemplo 3.1.13. O que é que as sentenças $\forall x \in \mathbf{R}(x^2 \geq 0)$ e $\exists x \in \mathbf{Z}(x^2 = 1)$ significam?

Solução: A sentença $\forall x \in \mathbf{R}(x^2 \geq 0)$ afirma que para todos os números reais x , $x^2 \geq 0$. Esta sentença pode ser expressa como “O quadrado de todo o número real é não-negativo”.

A sentença $\exists x \in \mathbf{Z}(x^2 = 1)$ afirma que existe um número inteiro x tal que $x^2 = 1$. Esta sentença pode ser expressa como “Existe um inteiro cujo o quadrado é igual a 1”.

Conjunto-verdade e Quantificadores

Iremos agora alinhar os conceitos da teoria dos conjuntos e da lógica de predicados. Dado um predicado P , e um domínio D , definimos o **Conjunto-verdade** de P como sendo o conjunto de elementos x em D para os quais $P(x)$ é verdade. O conjunto-verdade de $P(x)$ é denotado por $\{x \in D \mid P(x)\}$.

Exemplo 3.1.14. Quais são os conjuntos-verdade dos predicados $P(x)$, $Q(x)$ e $R(x)$, onde o domínio é o conjunto dos números inteiros e $P(x)$ é “ $|x| = 1$ ”, $Q(x)$ é “ $x^2 = 2$ ” e $R(x)$ é “ $|x| = x$ ”.

Solução: O conjunto-verdade de P , $\{x \in \mathbf{Z} \mid |x| = 1\}$, é o conjunto de inteiros para os quais $|x| = 1$. Como $|x| = 1$ quando $x = 1$ ou $x = -1$, e para mais nenhum outro inteiro x , vemos que o conjunto-verdade de P é o conjunto $\{-1, 1\}$.

O conjunto-verdade de Q , $\{x \in \mathbf{Z} \mid x^2 = 2\}$, é o conjunto de inteiros para os quais $x^2 = 2$. Este conjunto é vazio porque não existe um número inteiro x para os quais $x^2 = 2$.

O conjunto-verdade de R , $\{x \in \mathbf{Z} \mid |x| = x\}$, é o conjunto de inteiros para os quais $|x| = x$. Como $|x| = x$ se e somente se $x \geq 0$, acontece que o conjunto-verdade de R é o conjunto \mathbf{N} , o conjunto dos números inteiros não-negativos.

3.2 Operações sobre Conjuntos

Introdução

Dois ou mais conjuntos podem ser combinados de diversas formas. Por exemplo, começando com o conjunto das disciplinas do curso de Matemática da tua universidade e o conjunto das disciplinas do curso de Ciência da Computação, podemos formar o conjunto dos estudantes que têm disciplinas do curso de Matemática e do curso de Ciência da Computação, o conjunto dos estudantes que têm disciplinas dos dois cursos e por aí em diante.

Definição 3.2.1. Sejam A e B dois conjuntos. A *união* dos conjuntos A e B , denotada por $A \cup B$, é o conjunto que contém os elementos que estão em A ou em B , ou em ambos.

Um elemento x pertence a união dos conjuntos A e B se e somente se x pertence a A ou x pertence a B . Isto nos diz que

$$A \cup B = \{x \mid x \in A \vee x \in B\}.$$

O diagrama de Venn (*Pesquisar sobre Diagramas de Venn*) da figura 3.1 representa a união dos conjuntos A e B . A área que representa $A \cup B$ é a área sombreada entre os círculos que representam A ou que representam B .

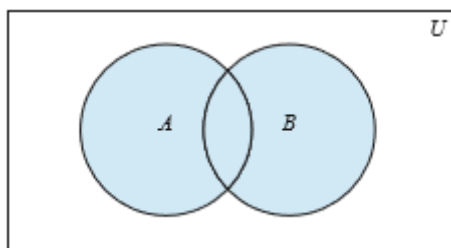


Figura 3.1: Diagrama de Venn da união de A e B .

Exemplo 3.2.1. A união dos conjuntos $\{1, 3, 5\}$ e $\{1, 2, 3\}$ é o conjunto $\{1, 2, 3, 5\}$; isto é, $\{1, 3, 5\} \cup \{1, 2, 3\} = \{1, 2, 3, 5\}$.

Definição 3.2.2. Sejam A e B dois conjuntos. A *intersecção* dos conjuntos A e B , denotada por $A \cap B$, é o conjunto que contém os elementos que estão tanto em A como em B .

Um elemento x pertence a intersecção dos conjuntos A e B se e somente se x pertence a A e x pertence a B . Isto nos diz que,

$$A \cap B = \{x \mid x \in A \wedge x \in B\}.$$

O diagrama de Venn apresentado na figura 3.2 representa a intersecção dos dois conjuntos A e B . A zona sombreada que está entre ambos os círculos representando os conjuntos A e B é a área que representa a intersecção de A e B .

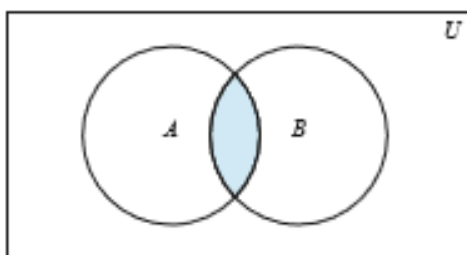


Figura 3.2: Diagrama de Venn da intersecção de A e B .

Exemplo 3.2.2. A intersecção dos conjuntos $\{1, 3, 5\}$ e $\{1, 2, 3\}$ é o conjunto $\{1, 3\}$; isto é $\{1, 3, 5\} \cap \{1, 2, 3\} = \{1, 3\}$.

Definição 3.2.3. Dois conjuntos são chamados de *disjuntos* se a sua intersecção é o conjunto vazio (ou é nula).

Exemplo 3.2.3. Seja $A = \{1, 3, 5, 7, 9\}$ e $B = \{2, 4, 6, 8, 10\}$. Como $A \cap B = \emptyset$. A e B são disjuntos.

Geralmente estamos interessados em encontrar a cardinalidade da união de dois conjuntos finitos. Note que $|A| + |B|$ conta cada elemento em A mas não em B ou em B mas não em A exactamente uma vez, e cada elemento que está em ambos A e B é contado duas vezes. Assim, se o número de elementos que estão ao mesmo tempo em A e B é subtraído de $|A| + |B|$, elementos em $A \cap B$ serão contados apenas uma vez. Dessa forma,

$$|A \cup B| = |A| + |B| - |A \cap B|.$$

A generalização desse resultado para uniões de um número arbitrário de conjuntos é chamado de **princípio de inclusão-exclusão**. Este princípio é uma técnica importante utilizada em numeração.

Existem outras formas importantes de combinar dois conjuntos.

Definição 3.2.4. Sejam A e B dois conjuntos. A *diferença* entre A e B , denotada por $A - B$, é o conjunto que contém os elementos que existem em A mas não existem em B . A diferença entre A e B é também chamada de *complemento* de B com respeito a A .

Nota: A diferença entre os conjuntos A e B é por vezes denotada por $A \setminus B$.

Um elemento x pertence a diferença entre A e B se e somente se $x \in A$ e $x \notin B$. Isto nos diz que,

$$A - B = \{x \mid x \in A \wedge x \notin B\}.$$

O diagrama de Venn apresentado na figura 3.3 representa a diferença entre os conjuntos A e B .

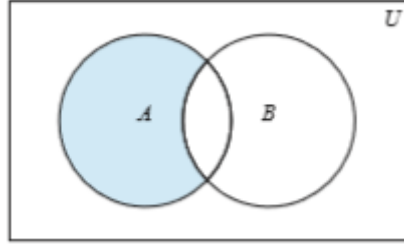


Figura 3.3: Diagrama de Venn da diferença de A e B .

Exemplo 3.2.4. A diferença entre $\{1, 3, 5\}$ e $\{1, 2, 3\}$ é o conjunto $\{5\}$; isto é, $\{1, 3, 5\} - \{1, 2, 3\} = \{5\}$. Isto é diferente da diferença entre $\{1, 2, 3\}$ e $\{1, 3, 5\}$, que é o conjunto $\{2\}$.

Definição 3.2.5. Seja U o conjunto universo. O complemento do conjunto A , denotado por \bar{A} , é o complemento de A com respeito a U . Assim, o complemento do conjunto A é $U - A$.

Um elemento pertence a \bar{A} se e somente se $x \notin A$. Isto nos diz que,

$$\bar{A} = \{x \in U \mid x \notin A\}.$$

Na figura 3.4 a área sombreada fora do círculo que representa A é a área que representa \bar{A} .

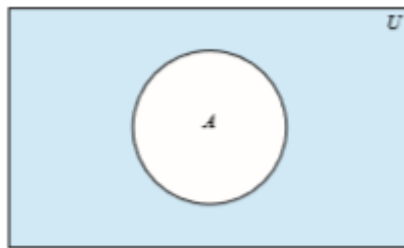


Figura 3.4: Diagrama de Venn para o complemento de A .

Exemplo 3.2.5. Seja $A = \{a, e, i, o, u\}$, onde o conjunto-universo é o conjunto de todas as letras do alfabeto, então $\bar{A} = \{b, c, d, f, g, h, j, \dots, x, y, z\}$.

Exemplo 3.2.6. Seja A o conjunto dos números positivos inteiros maiores que 10 (onde o conjunto universal é o conjunto de todos os positivos inteiros), então $\bar{A} = \{1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10\}$.

Identidade de Conjuntos

A tabela 3.2.1 lista as identidades mais importantes dos conjuntos. Iremos demonstrar algumas destas identidades utilizando três métodos diferentes. Estes métodos são apresentados para ilustrar que geralmente existem diferentes abordagens na resolução de um problema. As demonstrações das restantes identidades serão deixadas como exercícios. Deverá notar também a similaridade entre as identidades de conjuntos com as equivalências lógicas apresentadas no capítulo 1. Na verdade, as identidades de conjuntos apresentadas podem demonstradas directamente das equivalências lógicas correspondentes. Além disso, ambos são casos especiais de identidades da álgebra de Boole.

Identidade	Nome
$A \cap U = A$ $A \cup \emptyset = A$	Leis da Identidade
$A \cup U = U$ $A \cap \emptyset = \emptyset$	Leis da Dominação
$A \cup A = A$ $A \cap A = A$	Leis da Idempotência
$\overline{(\overline{A})} = A$	Lei da Complementação
$A \cup B = B \cup A$ $A \cap B = B \cap A$	Leis Comutativas
$A \cup (B \cap C) = (A \cup B) \cap C$ $A \cap (B \cup C) = (A \cap B) \cup C$	Leis Associativas
$A \cup (B \cap C) = (A \cup B) \cap (A \cup C)$ $A \cap (B \cup C) = (A \cap B) \cup (A \cap C)$	Leis Distributivas
$\overline{A \cap B} = \overline{A} \cup \overline{B}$ $\overline{A \cup B} = \overline{A} \cap \overline{B}$	Leis de De Morgan
$A \cup (A \cap B) = A$ $A \cap (A \cup B) = A$	Leis da Absorção
$A \cup \overline{A} = U$ $A \cap \overline{A} = \emptyset$	Leis do Complemento

Tabela 3.2.1: Idnetidades de conjuntos.

Uma forma de demonstrar que dois conjuntos são iguais é por demonstrar que um é subconjunto do outro e vice-versa. Lembre-se que para mostrar que um conjunto é subconjunto de um outro conjunto, podemos mostrar que se um elemento pertence ao primeiro conjunto então também deverá pertencer ao segundo conjunto. Geralmente utilizamos uma demonostração directa para fazer isso. Iremos ilustrar este tipo de demonstração por estabelecer a primeira lei de De Morgan.

Exemplo 3.2.7. Demonstre que $\overline{A \cap B} = \overline{A} \cup \overline{B}$

Solução: Iremos primeiramente demonstrar que os dois conjuntos $\overline{A \cap B}$ e $\overline{A} \cup \overline{B}$ são iguais por provar que cada um deles é subconjunto do outro.

Primeiro, mostramos que $\overline{A \cap B} \subseteq \overline{A} \cup \overline{B}$. Fazemos isto por provar que se x está em $\overline{A \cap B}$, então deverá também estar em $\overline{A} \cup \overline{B}$. Agora, suponha que $x \in \overline{A \cap B}$. Pela definição do complemento, $x \notin A \cap B$. Usando a definição de intersecção, vemos que a proposição $\neg((x \in A) \wedge (x \in B))$ é verdadeira.

Ao aplicar a lei de De Morgan para as proposições, temos que $\neg(x \in A)$ ou $\neg(x \in B)$. Utilizando a definição de negação das proposições, temos que $x \notin A$ ou $x \notin B$. Utilizando a definição do complemento de um conjunto, vemos que isto implica que $x \in \overline{A}$ ou $x \in \overline{B}$. Consequentemente, pela definição de união, vemos que $x \in \overline{A} \cup \overline{B}$. Temos agora demonstrado que $\overline{A \cap B} \subseteq \overline{A} \cup \overline{B}$.

Agora, iremos mostrar que $\overline{A} \cup \overline{B} \subseteq \overline{A \cap B}$. Fazemos isso por mostrar que se x está em $\overline{A} \cup \overline{B}$, então também deverá estar em $\overline{A \cap B}$. Suponha agora que $x \in \overline{A} \cup \overline{B}$. Pela definição de união, sabemos que $x \in \overline{A}$ ou $x \in \overline{B}$. Utilizando a definição de complemento, vemos que $x \notin A$ ou $x \notin B$. Consequentemente, a proposição $\neg(x \in A) \vee \neg(x \in B)$ é verdadeira.

Pela lei de De Morgan das proposições, concluímos que $\neg((x \in A) \wedge (x \in B))$ é verdadeira. Pela definição de intersecção, segue-se que $\neg(x \in A \cap B)$. Acabamos de utilizar a definição do complemento para concluir que $x \in \overline{A \cap B}$. Isto mostra que $\overline{A} \cup \overline{B} \subseteq \overline{A \cap B}$.

Como demonstramos que cada conjunto é subconjunto do outro, os dois conjuntos são iguais e a identidade está provada.

Podemos agora mais sucintamente expressar este raciocínio no exemplo 3.2.7, utilizando a notação de construção de domínios, tal como o exemplo 3.2.8 ilustra.

Exemplo 3.2.8. Utilize a notação de construção de conjuntos e equivalências lógicas para estabelecer a primeira lei de De Morgan $\overline{A \cap B} = \overline{A} \cup \overline{B}$.

Solução: Podemos provar esta identidade com os seguintes passos:

$$\begin{aligned}
 \overline{A \cap B} &= \{x \mid x \notin A \cap B\} && \text{pela definição do complemento} \\
 &= \{x \mid \neg(x \in (A \cap B))\} && \text{pela definição de não pertença} \\
 &= \{x \mid \neg(x \in A \wedge x \in B)\} && \text{pela definição de intersecção} \\
 &= \{x \mid \neg(x \in A) \vee \neg(x \in B)\} && \text{pela 1a. lei de De Morgan para equivalências lógicas} \\
 &= \{x \mid x \notin A \vee x \notin B\} && \text{pela definição de não pertença} \\
 &= \{x \mid x \in \overline{A} \vee x \in \overline{B}\} && \text{pela definição do complemento} \\
 &= \{x \mid x \in \overline{A} \cup \overline{B}\} && \text{pela definição da união} \\
 &= \overline{A} \cup \overline{B} && \text{pelo significado do construtor de conjunto}
 \end{aligned}$$

Note que para além das definições do complemento, união, pertença em conjuntos e o construtor de conjuntos, esta demonstração utiliza a segunda lei de De Morgan das equivalências lógicas.

3.3 Funções

Introdução

Em muitas instâncias atribuímos a cada elemento de um conjunto um outro elemento particular de um segundo conjunto (que poderá ser o mesmo que o

primeiro). Por exemplo, suponha que a cada estudante na disciplina de Estruturas Discreta é atribuído uma classificação do conjunto $\{10, 12, 13, 14, 17\}$. Suponha também que estas notas são distribuídas a um grupo de alunos da seguinte forma: 10 para o Aldo, 13 para a Carla, 12 para o Gabriel, 10 para a Rosa e 17 para o Samuel. Esta atribuição é ilustrada na figura 3.5.

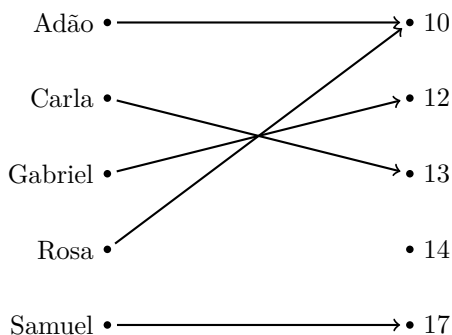


Figura 3.5: Atribuição de notas na disciplina de Estrutura Discretas.

Esta atribuição é um exemplo de uma função. O conceito de função é extremamente importante em matemática e ciência da computação. Por exemplo, em matemática discreta, funções são utilizadas na definição destas estruturas discretas como sequências. Funções também são utilizadas para representar quanto tempo um computador leva para resolver um problema de um determinado tamanho. Muitos programas de computadores e subrotinas de programação, são desenhadas para calcular valores de funções. Funções recursivas, que são funções definidas em termos de si próprias, são utilizadas extensivamente em ciência da computação.

Definição 3.3.1. Sejam A e B dois conjuntos não-vazios. A *função* f de A para B é uma atribuição de exactamente um elemento de B a cada elemento de A . Escrevemos $f(a) = b$ se b é um único elemento de B atribuído pela função f ao elemento a de A . Se f é uma função de A para B , escrevemos $f : A \rightarrow B$.

Nota: Funções são por vezes chamadas **mapeamentos** ou **transformações**.

As funções são especificadas de várias formas. Por vezes nós apresentamos as atribuições explicitamente, como na figura 3.5. Geralmente utilizamos uma fórmula, como $f(x) = x + 1$, para definir uma função. Noutras ocasiões utilizamos um programa de computador para especificar uma função.

A função $f : A \rightarrow B$ pode ser também definida em termos de uma relação de A para B . Uma relação de A para B é apenas um subconjunto de $A \times B$. A relação de A para B que contém um, e apenas um, par ordenado (a, b) para cada elemento $a \in A$, define a função f de A para B . Esta função é definida pela atribuição de $f(a) = b$, onde (a, b) é o único par ordenado na relação que possui a como o seu primeiro elemento.

Definição 3.3.2. Se f é uma função de A para B , dizemos que A é o *domínio* de f e B é o *co-domínio* de f . Se $f(a) = b$, dizemos que b é a *imagem* de a e a é a *pré-imagem* de b . O *alcance*, ou *imagem*, de f é o conjunto de todas as

imagens dos elementos de A . Também, se f é uma função de A para B , dizemos que f *mapeia* A em B .

A figura 3.6 representa a função f de A para B .

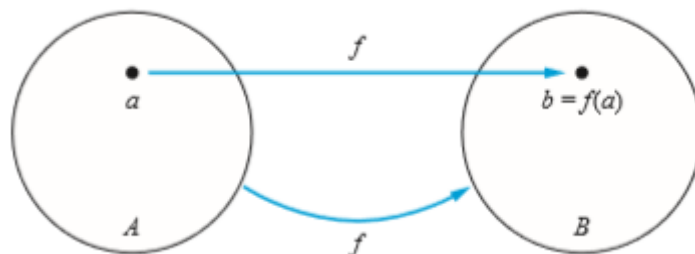


Figura 3.6: Função f que mapeia A em B .

Quando definimos uma função nós especificamos o seu domínio, co-domínio, e o mapeamento dos elementos do domínio para os elementos no co-domínio. Duas funções são iguais quando elas possuem o mesmo domínio, o mesmo co-domínio, e mapeam cada elemento do domínio comum para os mesmos elementos do co-domínio comum. Note que se mudarmos quer seja o domínio ou o co-domínio da função, obteremos uma função diferente. Se mudarmos o mapeamento dos elementos, obteremos também uma função diferente.

Os exemplos a seguir são exemplos de funções. Em cada exemplo, descrevemos o domínio, o co-domínio, a imagem da função e a atribuição de valores para os elementos do domínio.

Exemplo 3.3.1. Seja R a relação com os pares ordenados (André, 22), (Brenda, 24), (Carla, 21), (Doriél, 22), (Edna, 24) e (Felícia, 22). Cada um desses pares consiste no nome de um estudante e a sua idade. Especifique uma função determinada por esta relação?

Solução: Se f é a função especificada por R , então $f(\text{André}) = 22$, $f(\text{Brenda}) = 24$, $f(\text{Carla}) = 21$, $f(\text{Doriél}) = 22$, $f(\text{Edna}) = 24$ e $f(\text{Felícia}) = 22$. Aqui, $f(x)$ é a idade de x , onde x é um estudante. Para o domínio, temos o conjunto {André, Brenda, Carla, Doriél, Edna, Felícia}. Precisamos também especificar o co-domínio, que deverá conter todas as idades possíveis dos estudantes. Como é muito provável que os estudantes tenham todos menos de 100 anos de idade, podemos indicar o conjunto dos números positivos inteiros como o co-domínio. Note que poderíamos ter escolhido um co-domínio diferente, como o conjunto dos inteiros positivos ou o conjunto dos inteiros positivos entre 10 e 90, mas isto mudaria a função. Usar este co-domínio daria também a possibilidade de estender a função por adicionar nomes e idades de mais estudantes depois. A imagem da função especificada é o conjunto das diferentes idades dos estudantes, que é o conjunto {21,22,24}.

Exemplo 3.3.2. Seja f a função que atribui os dois últimos bits de uma cadeia de bits de tamanho 2 ou superior, a tal cadeia. Por exemplo $f(11010) = 10$. Assim, o domínio de f é o conjunto de todas as cadeias de bits de tamanho superior a 2, e o co-domínio e a imagem são o conjunto {00, 01, 10, 11}.

Exemplo 3.3.3. Seja $f : \mathbf{Z} \rightarrow \mathbf{Z}$ que atribui o quadrado de um número inteiro a este número. Então, $f(x) = x^2$, onde o domínio de f é o conjunto de todos os números inteiros, o co-domínio de f é o conjunto dos números inteiros, e a imagem de f é o conjunto de todos inteiros que são quadrados perfeitos, nomeadamente, $\{0, 1, 4, 9, \dots\}$.

Exemplo 3.3.4. O domínio e o co-domínio de funções geralmente são especificados em linguagens de programação. Por exemplo, a seguinte expressão em Java

```
int piso (double num){...}
```

nos diz que o domínio da função `piso` é o conjunto dos números reais (representado pelo tipo de dados `double`) e o seu co-domínio é o conjunto dos números inteiros.

Definição 3.3.3. Sejam f_1 e f_2 funções de A para \mathbf{R} . Então $f_1 + f_2$ e $f_1 f_2$ são também funções de A para \mathbf{R} definidas para todo $x \in A$ por

$$\begin{aligned}(f_1 + f_2)(x) &= f_1(x) + f_2(x), \\ (f_1 f_2)(x) &= f_1(x) f_2(x).\end{aligned}$$

Note que as funções $f_1 + f_2$ e $f_1 f_2$ foram definidas pela especificação dos seus valores em x em termos dos valores de f_1 e f_2 em x .

Sejam f_1 e f_2 duas funções de \mathbf{R} em \mathbf{R} tal que $f_1(x) = x^2$ e $f_2(x) = x - x^2$. Quais são os valores das funções $f_1 + f_2$ e $f_1 f_2$?

Solução: Da definição da soma e produto de funções, temos que

$$(f_1 + f_2)(x) = f_1(x) + f_2(x) = x^2 + (x - x^2) = x,$$

e

$$(f_1 f_2)(x) = x^2(x - x^2) = x^3 - x^4.$$

Quando f é uma função de A para B , a imagem de um subconjunto de A também pode ser definida.

Definição 3.3.4. Seja f uma função de A para B e seja S um subconjunto de A . A *imagem* de S sobre a função f é o subconjunto de B que consiste nas imagens dos elementos de S . Denotamos a imagem de S por $f(S)$, tal que

$$f(S) = \{t \mid \exists s \in S (t = f(s))\}.$$

Também podemos utilizar a notação curta $\{f(s) \mid s \in S\}$ para denotar este conjunto

Nota: A notação $f(S)$ para a imagem do conjunto S sobre a função f é potencialmente ambígua. Aqui, $f(S)$ denota um conjunto e não o valor da função f no conjunto S .

Exemplo 3.3.5. Seja $A = \{a, b, c, d, e\}$ e $B = \{1, 2, 3, 4\}$ com $f(a) = 2$, $f(b) = 1$, $f(c) = 4$, $f(d) = 1$ e $f(e) = 1$. A imagem do subconjunto $S = \{b, c, d\}$ é o conjunto $f(S) = \{1, 4\}$.

Funções injectivas e sobrejectivas

Algumas funções nunca atribuem o mesmo valor para dois elementos diferentes do domínio. Estas funções são chamadas de injectivas.

Definição 3.3.5. A função f é chamada de uma *injunção*, se e somente se $f(a) = f(b)$ implica que $a = b$ para todo a e b no domínio de f . A função é chamada de *injectiva* se for uma injunção.

Note que um função f é injectiva se e somente se $f(a) \neq f(b)$ sempre que $a \neq b$. Esta forma de expressar que f é uma injunção é obtida por obter a contrapositiva da implicação na definição.

Nota: Podemos expressar que f é uma injunção utilizando quantificadores como $\forall a \forall b (f(a) = f(b) \rightarrow a = b)$ ou equivalentemente $\forall a \forall b (a \neq b \rightarrow f(a) \neq f(b))$, onde o universo em discurso é o domínio da função.

Ilustraremos este conceito com alguns exemplos de funções que são injectivas e outras que não são.

Exemplo 3.3.6. Determine se a função f de $\{a, b, c, d\}$ para $\{1, 2, 3, 4, 5\}$ com $f(a) = 4$, $f(b) = 5$, $f(c) = 1$ e $f(d) = 3$ é injectiva.

Solução: A função f é injectiva porque f obtém valores diferentes nos quatro elementos do seu domínio. Isto é ilustrado na figura 3.7.

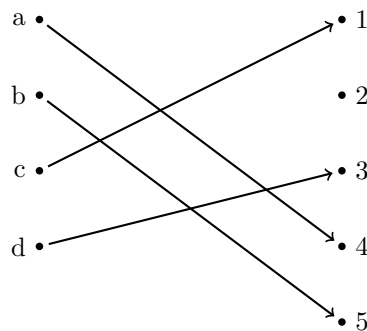


Figura 3.7: Uma função injectiva.

Exemplo 3.3.7. Determine se a função $f(x) = x^2$ do conjunto dos números inteiros para o conjunto dos números inteiros é injectiva.

Solução: A função $f(x) = x^2$ não é injectiva porque, por exemplo, $f(1) = f(-1) = 1$, mas no entanto $1 \neq -1$. Note que a função $f(x) = x^2$ com os seus domínios restrictos de \mathbf{Z}^+ é injectiva. (T tecnicamente, quando restringimos o domínio de uma função, obtemos uma nova função cujos valores coincidem com os mesmos valores da função original para os elementos do domínio restricto. A função restricta não é definida para os elementos do domínio original fora do domínio restricto.)

Exemplo 3.3.8. Determine se a função $f(x) = x + 1$ do conjunto dos números reais para o mesmo conjunto é injectiva.

Solução: A função $f(x) = x + 1$ é uma função injectiva. Para demonstrar isto, note que $x + 1 \neq y + 1$ quando $x \neq y$.

Definição 3.3.6. Uma função f cujo domínio e co-domínio são subconjuntos do conjunto dos números reais é chamada de *crescente* se $f(x) \leq f(y)$, e *estritamente crescente* se $f(x) < f(y)$, quando $x < y$ e x e y estão no domínio de f . Similarmente, f é chamada de *decrecente* se $f(x) \geq f(y)$, e *estritamente decrecente* se $f(x) > f(y)$, sempre que $x < y$ e x e y estão no domínio de f . (A palavra *estritamente* nesta definição indica que desigualdade.)

Nota: Uma função f é crescente se $\forall x \forall y (x < y \rightarrow f(x) \leq f(y))$, estritamente crescente se $\forall x \forall y (x < y \rightarrow f(x) < f(y))$, decrecente se $\forall x \forall y (x < y \rightarrow f(x) \geq f(y))$ e estritamente decrecente se $\forall x \forall y (x < y \rightarrow f(x) > f(y))$, onde o universo de discurso é o domínio de f .

Definição 3.3.7. A função f de A para B é chamada de *sobrejectiva*, se e somente se para cada elemento $b \in B$ existe um elemento $a \in A$ com $f(a) = b$.

Nota: A função f é sobrejectiva se $\forall y \exists x (f(x) = y)$, onde o domínio para x é o domínio da função e o domínio para y é o co-domínio da função.

3.4 Matrizes

3.5 Sequências

Exercícios do Capítulo 3

Conjuntos

1. Seja A o conjunto dos estudantes que vivem à $5km$ do campus e B o conjunto dos estudantes que vêm de bicicleta às aulas. Descreva os estudantes em cada um dos seguintes conjuntos.
 - (a) $A \cap B$
 - (b) $A \cup B$
 - (c) $A - B$
 - (d) $B - A$
2. Liste os elementos dos seguintes conjuntos:
 - (a) $\{x|x \in \mathbb{N} \wedge x^2 < 25\}$
 - (b) $\{x|x \text{ é um dos antigos vencedores da Fórmula 1}\}$
 - (c) $\{x|x \in \mathbb{R} \wedge x^2 = -1\}$
 - (d) $\{x|x \in \mathbb{N} \wedge x^2 - 5x + 6 = 0\}$
3. Qual é cardinalidade de cada um dos seguintes conjuntos?
 - (a) $S = \{a, \{a, \{a\}\}\}$
 - (b) $\{\{a\}, \{\{a\}\}\}$
 - (c) $\{a, \{\emptyset\}, \emptyset\}$
 - (d) $\{\emptyset, \{\emptyset, \{\emptyset\}\}, \{\emptyset, \{\emptyset, \{\emptyset\}\}\}\}$
4. Suponha que A é o conjunto dos estudantes do segundo ano e B é o conjunto dos estudantes de Lógica de Programação. Descreva cada um dos conjuntos em termos de A e B .
 - (a) O conjunto dos estudantes do segundo ano com a cadeira de Lógica de Programação
 - (b) O conjunto dos estudantes do segundo ano que não têm a cadeira de Lógica de Programação
 - (c) O conjunto dos estudantes que são, ou do segundo ano ou têm a cadeira de Lógica de Programação
 - (d) O conjunto dos estudantes que não são do segundo ano, nem têm a cadeira de Lógica de Programação

5. Sejam, $A = \{a, b, c, d, e\}$ e $B = \{a, b, c, d, e, f, g, h\}$ encontre:
- (a) $A \cup B$
 - (b) $A \cap B$
 - (c) $A - B$
 - (d) $B - A$
6. Desenhe os diagramas de Venn para cada uma das seguintes combinações dos domínios A, B e C
- (a) $A \cap (B \cup C)$
 - (b) $A \cap B \cap C$
 - (c) $(A - B) \cup (A - C) \cup (B - C)$
 - (d) $A \cap (B - C)$
 - (e) $(A \cap B) \cup (A \cap C)$
 - (f) $(A \cap B) \cup (A \cap C)$

Exercícios com Programação

Escreva programas de computador com as entradas e saídas especificadas.

1. Dados dois conjuntos finitos, liste todos os elementos do produto Cartesiano dos dois conjuntos.
2. Dado um conjunto finito, liste todos os elementos do seu conjunto-potência.
3. Dados dois conjuntos A e B subconjuntos do mesmo conjunto universal, encontre os conjuntos $A \cup B$, $A \cap B$ e $A - B$.

Exercícios

Funções

1. Determine se f é uma função de \mathbb{Z} em \mathbb{R} se
 - (a) $f(n) = \pm n$
 - (b) $\sqrt{n^2 + 1}$
 - (c) $\frac{1}{(n^2 - 4)}$
 2. Determine se as seguintes funções de \mathbb{Z} para \mathbb{Z} são injectivas ou sobrejectivas.
 - (a) $f(n) = n - 1$
 - (b) $f(n) = n^2 + 1$
 - (c) $f(n) = n^3$
 - (d) $f(n) = \frac{n}{2}$
 3. Considere as seguintes funções do conjunto dos estudantes de Estruturas Discretas. Em que condições uma função é injectiva se ela atribui a um estudante o seu:
 - (a) Número de telemóvel
 - (b) Número de estudante
 - (c) Nota final
 - (d) Local de Nascimento
- Definição 1** Uma função diz-se *bijectiva* quando é ao mesmo tempo injectiva (um para um) e sobrejectiva.
- Exemplo 1** Seja f uma função da forma $\{a, b, c, d\}$ para $\{1, 2, 3, 4\}$ com $f(a) = 4, f(b) = 2, f(c) = 1$ e $f(d) = 3$. A função f é uma função injectiva e sobrejectiva. É injectiva porque não existem valores no domínio que são mapeados para o mesmo valor no co-domínio. É sobrejectiva porque todos os quatro elementos do co-domínio são imagens dos elementos no domínio. Então f é uma função *bijectiva* ou uma *bijeção*.
4. Determina se cada uma das seguintes funções é uma bijeção de \mathbb{R} para \mathbb{R} .
 - (a) $f(x) = -3x + 4$

- (b) $f(x) = -3x^2 + 7$
- (c) $f(x) = (x+1)/(x+2)$
- (d) $f(x) = x^5 + 1$
- (e) $f(x) = 2x + 1$
- (f) $f(x) = x^2 + 1$

Definição 2 Seja f a função de A para B e seja S um subconjunto de A . A imagem de S sobre a função f é o subconjunto de B que consiste nas imagens dos elementos de S . Denotamos a imagem de S por $f(S)$, tal que $f(S) = \{t | \exists s \in S (t = f(s))\}$. Também podemos utilizar a representação $\{f(s) | s \in S\}$

Exemplo 2 Seja $A = \{a, b, c, d, e\}$ e $B = \{1, 2, 3, 4\}$ com $f(a) = 2, f(b) = 1, f(c) = 4, f(d) = 1$, e $f(e) = 1$. A imagem do subconjunto $S = \{b, c, d\}$ é o conjunto $f(S) = \{1, 4\}$.

5. Seja $S = \{-1, 0, 2, 4, 7\}$ encontre $f(S)$ se
 - (a) $f(x) = 1$
 - (b) $f(x) = 2x + 1$
 - (c) $f(x) = \lceil \frac{x}{5} \rceil$
 - (d) $f(x) = \lfloor \frac{(x^2+1)}{3} \rfloor$
6. Seja $f(x) = \lfloor \frac{x^2}{3} \rfloor$, encontre $f(S)$ se,
 - (a) $S = \{-2, -1, 0, 1, 2, 3\}$
 - (b) $S = \{0, 1, 2, 3, 4, 5\}$
 - (c) $S = \{1, 5, 7, 11\}$
 - (d) $S = \{2, 6, 10, 14\}$
7. Seja $f : \mathbb{N} \rightarrow \mathbb{N}$ definida por $f(x) = x + 1$. Seja $g : \mathbb{N} \rightarrow \mathbb{N}$ definida por $g(x) = 3x$. Calcule o seguinte:
 - (a) $(g \circ f)(5)$
 - (b) $(f \circ g)(5)$
 - (c) $(g \circ f)(x)$
 - (d) $(f \circ g)(x)$
 - (e) $(f \circ f)(x)$
 - (f) $(g \circ g)(x)$
8. Para cada uma das seguintes bijeções $f : \mathbb{R} \rightarrow \mathbb{R}$, encontre f^{-1}
 - (a) $f(x) = 7x$
 - (b) $f(x) = x^3$
 - (c) $f(x) = \frac{(x+4)}{3}$

Capítulo 4

Relações

Relações entre elementos de conjuntos ocorrem em muitos contextos. Todos dias lidamos com relações como por exemplo: uma pessoa e o seu número de telemóvel, um empregado(a) e o seu salário, etc. Em matemática estudamos relações como as que existem entre um número inteiro positivo e um seu divisor, um inteiro e o seu quadrado, um valor real x e o valor $f(x)$ onde f é uma função, etc.

As relações são representadas utilizando uma estrutura chamada de *relação*, que é simplesmente um subconjunto do produto cartesiano de conjuntos. As relações podem ser utilizadas para resolver problemas tais como: determinar quais pares de cidades estão ligadas pela mesma companhia aérea numa rede, armazenamento de informações em bases de dados, etc.

4.1 Relações e suas propriedades

A forma mais directa de expressar uma relação entre elementos de dois conjuntos é por utilizar pares ordenados (dois elementos). Por esta razão, os conjuntos de pares ordenados são chamados de *relações binárias*. Nesta secção apresentamos a terminologia básica utilizada para descrever as relações binárias.

Definição 4.1.1. Sejam A e B conjuntos, uma relação binária de A para B é um subconjunto de $A \times B$.

Por outras palavras, uma relação binária de A para B é um conjunto R de pares ordenados onde o primeiro elemento de cada par ordenado provém de A e o segundo elemento provém de B . Utilizamos a notação $a R b$ para denotar que $(a, b) \in R$ e $a \not R b$ para denotar que $(a, b) \notin R$. Além disso, quando (a, b) pertencem a R , dizemos que a está relacionado à b por intermédio de R .

As relações binárias representam relacionamentos entre elementos de dois conjuntos. Apresentaremos mais adiante as relações n -árias que expressam relacionamentos entre elementos de mais de dois conjuntos. Iremos omitir a palavra *binária* sempre que não houver perigo de má interpretação. Os exemplos a seguir ilustram o conceito de *relação*.

Exemplo 4.1.1. Sejam A o conjunto dos estudantes da tua escola, e B o conjunto das disciplinas. Seja R a relação que consiste nos pares (a, b) , onde a é um estudante inscrito na disciplina b . Por exemplo, se João e David estão inscritos

na disciplina de Estruturas Discretas (ED), os pares (João, ED) e (David, ED) pertencem a R . Note que se David não está inscrito na disciplina de ED, então o par (David, ED) não pertence a R . Se um estudante não está inscrito em nenhuma disciplina, não existirá nenhum par em R com este estudante como primeiro elemento. Da mesma forma se uma disciplina não existe, não existirá nenhum par em R com esta disciplina como segundo elemento.

Exemplo 4.1.2. Sejam $A = \{0, 1, 2\}$ e $B = \{a, b\}$, então $\{(0, a), (0, b), (1, a), (2, b)\}$ é uma relação de A para B . Isto significa que, por exemplo, $0 R a$, mas $1 \not R b$.

4.2 Relações sobre um conjunto

Definição 4.2.1. Uma *relação* num conjunto A é uma relação de A para A .

Por outras palavras, uma relação sobre um conjunto A é um subconjunto de $A \times A$.

Exemplo 4.2.1. Seja A o conjunto $\{1, 2, 3, 4\}$. Que pares ordenados fazem parte da relação $R = \{(a, b) \mid a \text{ divide } b\}$?

Solução: Como (a, b) pertence a R se e somente se a e b forem inteiros positivos não maiores que 4 tal que a divida b , vemos que

$$R = \{(1, 1), (1, 2), (1, 3), (1, 4), (2, 2), (2, 4), (3, 3), (4, 4)\}.$$

Os pares nesta relação são apresentados graficamente e em forma tabular na Figura 4.1.

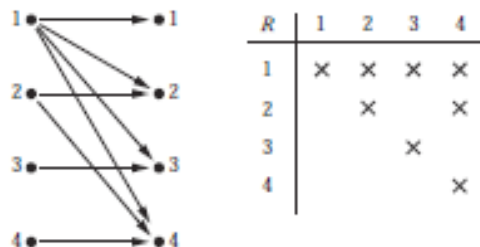


Figura 4.1: Apresentando os pares ordenados na relação R no exemplo 4.2.

Exemplo 4.2.2. Considere as seguintes relações no conjunto dos números inteiros:

$$R_1 = \{(a, b) \mid a \leq b\},$$

$$R_2 = \{(a, b) \mid a > b\},$$

$$R_3 = \{(a, b) \mid a = b \text{ ou } a = -b\},$$

$$R_4 = \{(a, b) \mid a = b\},$$

$$R_5 = \{(a, b) \mid a = b + 1\},$$

$$R_6 = \{(a, b) \mid a + b \leq 3\},$$

Qual destas relações contém cada um dos pares $(1, 1), (1, 2), (2, 1), (1, -1)$ e $(2, 2)$?

Solução: O par $(1, 1)$ está em R_1, R_3, R_4 e R_6 ; $(1, 2)$ está em R_1 e R_6 ; $(2, 1)$ está em R_2, R_5 e R_6 ; $(1, -1)$ está em R_2, R_3 e R_6 ; e finalmente, $(2, 2)$ está em R_1, R_3 e R_4 .

4.3 Propriedades das relações

Existem várias propriedades que são utilizadas para classificar as relações sobre um conjunto. Iremos apresentar as mais importantes de seguida.

Nalgumas relações um elemento está sempre relacionado consigo próprio. Por exemplo, seja R a relação no conjunto de todas as pessoas, consistindo nos pares (x, y) onde x e y são filhos da mesmo pai e da mesma mãe, então $x R y$ para todas as pessoas x .

Definição 4.3.1. A relação R num conjunto A é chamada de *reflexiva* se $(a, a) \in R$ para todo o elemento $a \in A$.

Nota: Utilizando quantificadores vemos que uma relação R num conjunto A é reflexiva se $\forall a((a, a) \in R)$, onde o universo em discurso é o conjunto de todos os elementos em A .

Vemos que a relação em A é reflexiva se todo elemento de A está relacionado consigo próprio. Os exemplos a seguir ilustram o conceito de uma relação reflexiva.

Exemplo 4.3.1. Considere as seguintes relações em $\{1, 2, 3, 4\}$:

- $R_1 = \{(1, 1), (1, 2), (2, 1), (2, 2), (3, 4), (4, 1), (4, 4)\}$,
- $R_2 = \{(1, 1), (1, 2), (2, 1)\}$,
- $R_3 = \{(1, 1), (1, 2), (1, 4), (2, 1), (2, 2), (3, 3), (4, 1), (4, 4)\}$,
- $R_4 = \{(2, 1), (3, 1), (3, 2), (4, 1), (4, 2), (4, 3)\}$,
- $R_5 = \{(1, 1), (1, 2), (1, 3), (1, 4), (2, 2), (2, 3), (2, 4), (3, 3), (3, 4), (4, 4)\}$,
- $R_6 = \{(3, 4)\}$.

Quais destas relações são reflexivas?

Solução: As relações R_3 e R_5 são reflexivas porque ambas contêm todos os pares na forma (a, a) , nomeadamente, $(1, 1)$, $(2, 2)$, $(3, 3)$ e $(4, 4)$. As outras relações não são reflexivas porque não contêm todos estes pares ordenados. Em particular R_1, R_2, R_4 e R_6 não são reflexivas porque por exemplo $(3, 3)$ não faz parte de nenhuma destas relações.

Exemplo 4.3.2. Quais das relações no exemplo 4.3 são reflexivas?

Solução: As relações reflexivas do exemplo 4.3 são R_1 (porque $a \leq a$ para todo inteiro a), R_3 e R_4 . Para cada uma das outras relações no exemplo citado é fácil encontrar um par da forma (a, a) que não faz parte de nenhuma das relações.

Definição 4.3.2. A relação R num conjunto A é chamada de *simétrica* se $(b, a) \in R$ sempre que $(a, b) \in R$, para todos $a, b \in A$. A relação R num conjunto A tal que para todo $a, b \in A$, se $(a, b) \in R$ e $(b, a) \in R$, então $a = b$, é chamada de *antissimétrica*.

Nota: Utilizando quantificadores vemos que uma relação R num conjunto A é simétrica se $\forall a \forall b ((a, b) \in R \rightarrow (b, a) \in R)$. Similarmente, a relação R num conjunto A é antissimétrica se $\forall a \forall b (((a, b) \in R \wedge (b, a) \in R) \rightarrow (a = b))$.

Tenha em atenção que uma relação é simétrica se e somente se a está relacionado à b implica que b está relacionado à a . A relação é antissimétrica se e somente se não existirem pares de distintos elementos a e b com a relacionado a b e b relacionado a a . Isto é, a única forma de ter a relacionado à b e b relacionado a a é se a e b forem os mesmos elementos. Os termos *simétrica* e *antissimétrica* não são opostos, porque a relação pode ter ambas propriedades ou não. A relação só não pode ser ao mesmo tempo simétrica e antissimétrica se contém algum par da forma (a, b) , onde $a \neq b$.

Exemplo 4.3.3. Quais das relações no exemplo 4.3 são simétricas e quais são antissimétricas?

Solução: As relações R_2 e R_3 são simétricas, porque em cada caso (b, a) pertence a relação sempre que (a, b) está na relação. Para R_2 , a única coisa a verificar é se ambos $(2, 1)$ e $(1, 2)$ estão na relação. Para R_3 , é necessário verificar que $(1, 2)$ e $(2, 1)$ pertencem a relação, e $(1, 4)$ e $(4, 1)$ pertencem a relação. Pode-se facilmente verificar que as outras relações não são simétricas. Isto pode ser feito por encontrar um par (a, b) na relação para o qual não exista um par (b, a) . R_4, R_5 e R_6 são todas antissimétricas. Para cada uma destas relações não existe um par de elementos a e b com $a \neq b$ tal que ambos (a, b) e (b, a) pertencem a relação. O leitor pode verificar que nenhuma das outras relações é antissimétrica. Isto pode ser feito por encontrar um par (a, b) com $a \neq b$ tal que (a, b) e (b, a) estão ambos na relação.

Definição 4.3.3. A relação R num conjunto A é chamada de *transitiva* se sempre que $(a, b) \in R$ e $(b, c) \in R$, então $(a, c) \in R$, para todos $a, b, c \in A$.

Nota: Utilizando quantificadores vemos que uma relação R num conjunto A é transitiva se temos $\forall a \forall b \forall c (((a, b) \in R \wedge (b, c) \in R) \rightarrow (a, c) \in R)$.

Exemplo 4.3.4. Quais das relações no exemplo 4.3 são transitivas?

Solução: As relações R_4, R_5 e R_6 são transitivas. Para cada uma destas relações, poderemos provar que são transitivas por verificar que se (a, b) e (b, c) pertencem a esta relação, então (a, c) também fazem parte. Por exemplo, R_4 é transitiva, porque $(3, 2)$ e $(2, 1)$, $(4, 2)$ e $(2, 1)$, $(4, 3)$ e $(3, 1)$, e $(4, 3)$ e $(3, 2)$ fazem parte da relação tal como os pares $(3, 1)$, $(4, 1)$ e $(4, 2)$. Como exercício, verifique se R_5 e R_6 são transitivas. R_1 não é transitiva porque $(3, 4)$ e $(4, 1)$ pertencem a R_1 , mas $(3, 1)$ não. R_2 não é transitiva porque $(2, 1)$ e $(1, 2)$ pertencem a R_2 , mas $(2, 2)$ não fazem parte. R_3 não é transitiva porque $(4, 1)$ e $(1, 2)$ pertencem a R_3 , mas $(4, 2)$ não.

4.4 Combinação de relações

Como as relações de A para B são subconjuntos de $A \times B$, duas relações de A para B podem ser combinadas da mesma forma como os conjuntos podem ser combinados. Considere os exemplos abaixo:

Exemplo 4.4.1. Sejam $A = \{1, 2, 3\}$ e $B = \{1, 2, 3, 4\}$. As relações $R_1 = \{(1, 1), (2, 2), (3, 3)\}$ e $R_2 = \{(1, 1), (1, 2), (1, 3), (1, 4)\}$ podem ser combinadas para obter:

- $R_1 \cup R_2 = \{(1, 1), (1, 2), (1, 3), (1, 4), (2, 2), (3, 3)\}$
- $R_1 \cap R_2 = \{(1, 1)\}$

Exemplo 4.4.2. Seja R_1 a relação “menor que” no conjunto dos números reais e seja R_2 a relação “maior que” no conjunto dos números reais, isto é, $R_1 = \{(x, y) \mid x < y\}$ e $R_2 = \{(x, y) \mid x > y\}$. O que são $R_1 \cup R_2$, $R_1 \cap R_2$, $R_1 - R_2$ e $R_2 - R_1$?

Solução: Notamos que $(x, y) \in R_1 \cup R_2$ se e somente se $(x, y) \in R_1$ ou $(x, y) \in R_2$. Assim, $(x, y) \in R_1 \cup R_2$ se e somente se $x < y$ ou $x > y$. Como a condição $x < y$ ou $x > y$ é o mesmo que a condição $x \neq y$, segue-se que $R_1 \cup R_2 = \{(x, y) \mid x \neq y\}$. Por outras palavras, a união da relação “menor que” com a relação “maior que” é a relação “diferente de”. De seguida, note que é impossível para um par (x, y) pertencer a ambos os pares R_1 e R_2 porque é impossível que $x < y$ e $x > y$. Segue-se que $R_1 \cap R_2 = \emptyset$. Também notamos que $R_1 - R_2 = R_1$ e $R_2 - R_1 = R_2$.

Existe uma outra forma de combinar relações que é análoga a composição de funções.

Definição 4.4.1. Seja R a relação de um conjunto A para um conjunto B e S uma relação de B para C . A *composta* de R e S é a relação que consiste nos pares ordenados (a, c) , onde $a \in A$, $c \in C$ e para os quais existe um elemento $b \in B$ tal que $(a, b) \in R$ e $(b, c) \in S$. Denotamos a composta de R e S por $S \circ R$.

Calcular a composta de duas relações requer que encontremos elementos que são o segundo elemento de um par ordenado na primeira relação e o primeiro elemento de pares ordenados na segunda relação, como os exemplos a seguir ilustram.

Exemplo 4.4.3. Qual é a composta das relações R e S , onde R é a relação de $\{1, 2, 3\}$ para $\{1, 2, 3, 4\}$ com $R = \{(1, 1), (1, 4), (2, 3), (3, 1), (3, 4)\}$ e S é uma relação de $\{1, 2, 3, 4\}$ para $\{0, 1, 2\}$ com $S = \{(1, 0), (2, 0), (3, 1), (3, 2), (4, 1)\}$?

Solução: $S \circ R$ é construída utilizando todos os pares ordenados em R e pares ordenados em S , onde o segundo elemento do par ordenado em R é o mesmo que o primeiro elemento do par ordenado em S . Por exemplo, os pares ordenados $(2, 3)$ em R e $(3, 1)$ em S produzem o par ordenado $(2, 1)$ em $S \circ R$. Computando todos os pares ordenados na composta de S e R obtemos,

$$S \circ R = \{(1, 0), (1, 1), (2, 1), (2, 2), (3, 0), (3, 1)\}.$$

Exemplo 4.4.4. Compondo uma relação consigo própria Seja R a relação no conjunto de todas as pessoas tal que $(a, b) \in R$ se a pessoa a é o pai da pessoa b .

4.5 Representação de relações

4.5.1 Introdução

Nota: Nesta secção, utilizaremos sómente as relações binárias. Por esta razão a palavra relação irá apenas referir-se a relações binárias.

Existem muitas formas de representar uma relação entre conjuntos finitos. Uma forma é por listar os pares ordenados. Outra forma de representar uma relação é por meio de tabelas como vimos na secção anterior. Nesta secção vamos apresentar dois métodos de representação alternativos: matrizes zero-um e gráfos direccionados. No geral, as matrizes são apropriadas para a representação de relações em programas de computador. Por outro lado, algumas pessoas acham a representação de relações utilizando grafos direccionados mais útil ao entendimento das propriedades dessas relações.

4.5.2 Representação de relações por meio de matrizes

A relação entre conjuntos finitos pode ser representada utilizando matrizes zero-um. Suponha que R é uma relação de $A = \{a_1, a_2, \dots, a_m\}$ para $B = \{b_1, b_2, \dots, b_n\}$. (Aqui os elementos dos conjuntos A e B são listados duma forma particular, embora arbitrária. Além dos mais, quando $A = B$ utilizamos a mesma ordenação para A e B .) A relação R pode ser representada pela matriz $M_R = [m_{ij}]$,

$$m_{ij} = \begin{cases} 1 & \text{se } (a_i, b_j) \in R, \\ 0 & \text{se } (a_i, b_j) \notin R. \end{cases}$$

Por outras palavras, a matriz zero-um que representa R tem o valor 1 em (i, j) quando a_i está relacionado a b_j , e o valor 0 nesta posição se a_i não está relacionado a b_j . Esta representação depende da ordem utilizada para A e B . A utilização de matrizes para representar relações é ilustrada no exemplo a seguir.

Exemplo 1 Suponha que $A = \{1, 2, 3\}$ e $B = \{1, 2\}$. Seja R a relação de A para B contendo os pares (a, b) se $a \in A$, $b \in B$ e $a > b$. Qual é a matriz que representa R se $a_1 = 1$, $a_2 = 2$, $a_3 = 3$ e $b_1 = 1$ e $b_2 = 2$?

Solução: Como $R = \{(2, 1), (3, 1), (3, 2)\}$, a matriz para R é:

$$M_R = \begin{bmatrix} 0 & 0 \\ 1 & 0 \\ 1 & 1 \end{bmatrix}$$

Os 1s em M_R mostram que os pares $(2, 1)$, $(3, 1)$ e $(3, 2)$ pertencem a R . Os 0s mostram que os outros pares não pertencem a R .

Exemplo 2 Sejam $A = \{a_1, a_2, a_3\}$ e $B = \{b_1, b_2, b_3, b_4, b_5\}$, quais pares ordenados estão na relação R representada pela matriz

$$M_R = \begin{bmatrix} 0 & 1 & 0 & 0 & 0 \\ 1 & 0 & 1 & 1 & 0 \\ 1 & 0 & 1 & 0 & 1 \end{bmatrix} ?$$

Solução Como R consiste nos pares ordenados (a_i, b_j) com $m_{ij} = 1$ daí resulta que $R = \{(a_1, b_2), (a_2, b_1), (a_2, b_3), (a_2, b_4), (a_3, b_1), (a_3, b_3), (a_3, b_5)\}$

A matriz de uma relação em um conjunto, que é uma matriz quadrada, pode ser utilizada para determinar se a relação possui certas propriedades. Sabemos que uma relação R num conjunto A é reflexiva se $(a, a) \in R$ sempre que $a \in A$, então, R é reflexiva se e somente se $(a_i, a_i) \in R$ para $i = 1, 2, \dots, n$. Assim, R é reflexiva se e somente se $m_{ii} = 1$, para $i = 1, 2, \dots, n$. Por outras palavras, R é reflexiva se todos os elementos da diagonal principal de M_R são iguais a 1, como ilustrado na Figura 4.2. Note que os elementos fora da diagonal podem ser 0s ou 1s.

$$\begin{bmatrix} 1 & & & & & \\ & 1 & & & & \\ & & 1 & & & \\ & & & \ddots & & \\ & & & & \ddots & \\ & & & & & 1 \\ & & & & & & 1 \end{bmatrix}$$

Figura 4.2: A matriz zero-um para uma relação reflexiva. (Os elementos fora da diagonal podem ser 0 ou 1.)

A relação R é simétrica se $(a, b) \in R$ implica que $(b, a) \in R$. Consequentemente, a relação R no conjunto $A = \{a_1, a_2, \dots, a_n\}$ é simétrica se e somente se $(a_j, a_i) \in R$ sempre que $(a_i, a_j) \in R$. Em termos dos valores de M_R , R é simétrica se e somente se $m_{ji} = 1$ sempre que $m_{ij} = 1$. Isto também significa que $m_{ji} = 0$ sempre que $m_{ij} = 0$. Consequentemente, R é simétrica se e somente se $m_{ij} = m_{ji}$, para todos os pares de inteiros i e j com $i = 1, 2, \dots, n$ e $j = 1, 2, \dots, n$. R é simétrica se e somente se $M_R = (M_R)^t$ onde $(M_R)^t$ é matriz transposta de M_R .

A relação R é antissimétrica se e somente se $(a, b) \in R$ e $(b, a) \in R$ implica que $a = b$. Consequentemente, a matriz de uma relação antissimétrica tem a propriedade de que se $m_{ij} = 1$ com $i \neq j$, então $m_{ji} = 0$. Ou, em outras palavras, $m_{ij} = 0$ ou $m_{ji} = 0$ quando $i \neq j$. A forma da matriz para uma relação antissimétrica é ilustrada na Figura 4.3.

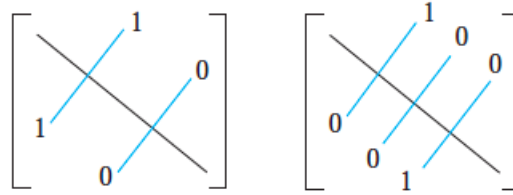


Figura 4.3: A matriz zero-um para uma relação simétrica e antissimétrica.

Exemplo 3 Suponha que a relação R é representada pela matriz

$$M_R = \begin{bmatrix} 1 & 1 & 0 \\ 1 & 1 & 1 \\ 0 & 1 & 1 \end{bmatrix} ?$$

R é reflexiva, simétrica e/ou antisimétrica?

Solução: Como todos os elementos das diagonais nesta matriz são iguais a 1, R é reflexiva. Além do mais, como M_R é simétrica, então R é simétrica. É também fácil notar que R não é antissimétrica.

As operações booleanas estudadas anteriormente também podem ser utilizadas para encontrar as matrizes que representam a união e a intersecção de duas relações. Suponha que R_1 e R_2 são relações num conjunto A representada pelas matrizes M_{R_1} e M_{R_2} , respectivamente. A matriz que representa a união destas duas relações possui o valor 1 nas posições em que M_{R_1} ou M_{R_2} possuem o valor 1. A matriz que representa a intersecção destas duas relações possui o valor 1 nas posições em que M_{R_1} e M_{R_2} possuem o valor 1. Sendo assim, as matrizes que representam a união e a intersecção destas duas relações são:

- $M_{R_1 \cup R_2} = M_{R_1} \vee M_{R_2}$ e,
- $M_{R_1 \cap R_2} = M_{R_1} \wedge M_{R_2}$

4.5.3 Representação de relações por meio de grafos direccionados

Vimos anteriormente que uma relação pode ser representada por uma listagem de todos os seus pares ordenados ou por meio de uma matriz zero-um. Existe outra forma importante de representar uma relação utilizando uma representação pictural. Cada elemento do conjunto é representado por um ponto, e cada par ordenado é representado utilizando um arco cuja direcção é indicada por uma seta. Utilizamos essa representação sempre que pensamos em relações como grafos direccionados ou dígrafos, num conjunto finito.

Definição 1 Um *grafo direccionado*, ou *dígrafo*, consiste num conjunto V de *vértices* (ou *nós*) e um conjunto E de pares ordenados dos elementos de V chamados de *arestas* (ou *arcos*). O vértice a é chamado de *vértice inicial* da aresta (a, b) , e o vértice b é chamado de *vértice terminal* desta aresta.

Uma aresta da forma (a, a) é representada utilizando um arco do vértice a de volta à si mesmo. Tal aresta é chamada de **laço** ou **loop**.

Exemplo 4 O grafo direccionado com os vértices a, b, c e d e as arestas $(a, b), (a, d), (b, b), (b, d), (c, a), (c, b)$ e (d, b) é apresentado na Figura 4.4

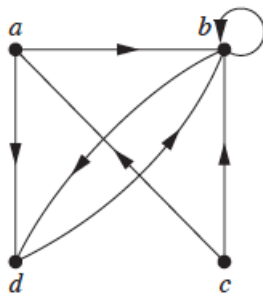


Figura 4.4: Um grafo direccionado.

A relação R no conjunto A é representada pelo grafo ordenado que possui elementos de A como seus vértices e os pares ordenados (a, b) , onde $(a, b) \in R$, como arestas. Esta atribuição configura uma correspondência *um-para-um* entre as relações no conjunto A e os grafos direccionados que possuem A como o seu conjunto de vértices. Assim, cada afirmação sobre relações corresponde a uma afirmação sobre grafos direccionados, e vice-versa. Grafos direccionados fornecem uma exibição visual das relações e por isso são utilizados no estudo das relações e de suas propriedades. A utilização de grafos direccionados na representntação de relações num conjunto é ilustrada nos seguintes exemplos.

Exemplo 5 O grafo direccionado da relação $R = (1, 1), (1, 3), (2, 1), (2, 3), (2, 4), (3, 1), (3, 2), (4, 1)$ no conjunto $\{1, 2, 3, 4\}$ é ilustrado na Figura 4.5

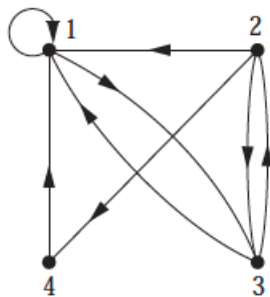


Figura 4.5: Um grafo direccionado.

Exemplo 6 Quais são os pares ordenados na relação R representada pelo grafo direccionado da Figura 4.6

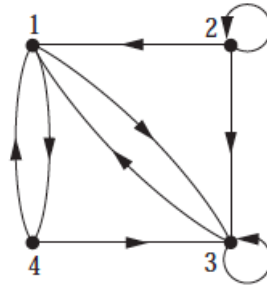


Figura 4.6: Um grafo direccionado da relação R.

Solução: Os pares ordenados (x, y) na relação são

$$R = (1, 3), (1, 4), (2, 1), (2, 2), (2, 3), (3, 1), (3, 3), (4, 1), (4, 3)$$

Cada um destes pares corresponde à uma aresta do grafo direccionado sendo $(2, 2)$ e $(3, 3)$ dois laços.

O grafo direccionado que representa uma relação pode ser utilizado para determinar se a relação possui certas propriedades. Por exemplo, a relação é reflexiva se e somente se existe um laço em cada vértice do grafo direccionado, de tal forma que todos os pares ordenados da forma (x, x) ocorrem na relação. A relação é simétrica se e somente se para cada aresta entre vértices distintos no digrafo existe uma aresta na direcção oposta, tal que (y, x) existe na relação sempre que (x, y) existe na relação. Da mesma forma, uma relação é antissimétrica se e somente se não existem duas arestas em direcções opostas entre vértices distintos. Finalmente, uma relação é transitiva se e somente se sempre que existe uma aresta de um vértice x para um vértice y e uma aresta de um vértice y para um vértice z , existe uma aresta de x para z (completando um triângulo onde cada lado é uma aresta na direcção correcta).

Exemplo 7 Determine se os grafos direccionados apresentados nas Figuras 4.7 e 4.8 são reflexivos, simétricos, antissimétricos e/ou transitivos.

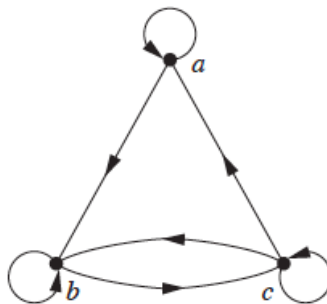


Figura 4.7: Um grafo direccionado da relação R.

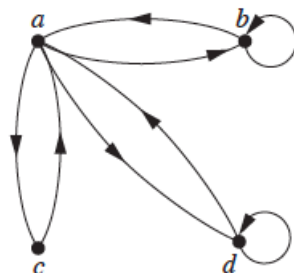


Figura 4.8: Um grafo direccionado da relação S .

Solução: Como existem laços em todos os vértices do grafo direccionado de R , ele é reflexivo. R não é simétrico nem anti-simétrico porque existe uma aresta de a para b mas não de b para a , mas existem arestas em ambas direcções que conectam b e c . Finalmente, R não é transitivo porque existe uma aresta de a para b e uma aresta de b para c , mas não existe uma aresta de a para c . Como não existem laços em todos os vértices do grafo direccionado de S , esta relação não é reflexiva. É simétrica mas não antissimétrica, porque cada aresta entre vértices distintos é acompanhada por uma aresta na direcção oposta. Não é difícil notar também que o grafo direccionado de S não é transitivo, porque (c, a) e (a, b) pertencem a S , mas (c, b) não pertence a S .

Estudaremos os grafos em mais detalhes no capítulo 5.

4.6 Fecho de relações

4.6.1 Introdução

Uma rede de computadores de uma empresa possui centros de dados em Benguela, Bengo, Cabinda, Cunene, Huíla e Luanda. Existem ligações directas de Benguela para o Bengo, de Benguela para o Bengo, de Benguela para Cunene, do Bengo para o Cunene, de Cunene para Cabinda e da Huíla para Luanda. Seja R a relação que contém (a, b) se existe uma ligação do centro de dados em a com o centro de dados em b , como podemos determinar se existe uma ligação (possivelmente indirecta) composta de uma ou mais linhas de um centro para outro? Como nem todas as ligações são directas, tal como a ligação de Benguela para Cabinda que passa por Cunene, R não pode ser utilizada directamente para responder esta questão. Na linguagem das relações, R não é transitiva, portanto não contém todos os pares que podem ser ligados. Tal como iremos mostrar nesta secção, é possível achar todos os pares de centros de dados que possuem um link por construir uma relação transitiva S que contém R tal que S é um subconjunto de todas as relações transitivas que contêm R .

4.7 Relações de equivalência

4.8 Ordens parciais

Exercícios

Relações e suas propriedades

1. Liste os pares ordenados na relação R de $A = \{0, 1, 2, 3, 4\}$ para $B = \{0, 1, 2, 3\}$ onde $(a, b) \in R$ se e somente se
 - (a) $a = b$
 - (b) $a + b = 4$
 - (c) $a > b$
 - (d) $a|b$
 - (e) $\text{mdc}(a, b) = 1$
 - (f) $\text{mmc}(a, b) = 2$
2. Para cada uma das relações no conjunto $\{1, 2, 3, 4\}$ indique se são: reflexivas, simétricas, antissimétricas e transitivas
 - (a) $\{(2, 2), (2, 3), (2, 4), (3, 2), (3, 3), (3, 4)\}$
 - (b) $\{(1, 1), (1, 2), (2, 1), (2, 2), (3, 3), (4, 4)\}$
 - (c) $\{(2, 4), (4, 2)\}$
 - (d) $\{(1, 2), (2, 3), (3, 4)\}$
 - (e) $\{(1, 1), (2, 2), (3, 3), (4, 4)\}$
 - (f) $\{(1, 3), (1, 4), (2, 3), (2, 4), (3, 1), (3, 4)\}$
3. Determine se a relação R conjunto de todas as pessoas é reflexiva, simétrica, antissimétrica, e/ou transitiva, onde $(a, b) \in R$ se e somente se
 - (a) a é mais alto que b .
 - (b) a e b foram nascidos no mesmo dia.
 - (c) a possui o mesmo apelido que b .
 - (d) a e b possuem o mesmo avó.

Capítulo 5

Grafos

Grafos são estruturas discretas que consistem em vértices, e arestas que conectam estes vértices. Existem vários tipos de grafos, dependendo da existência de uma direcção nas arestas, de acordo a possibilidade de várias arestas se interligarem ao mesmo par de vértices e de acordo a existência de *loops* ou repetições. Problemas em quase todas as disciplinas podem resolvidos utilizando modelos de grafos. Iremos apresentar alguns exemplos para ilustrar como os grafos são utilizados como modelos numa variedade de áreas. Por exemplo, iremos mostrar como os grafos são utilizados para representar a competição de diferentes espécies num nicho ecológico, e como os grafos são usados para representar quem influencia quem numa organização e etc.

Utilizando modelos de grafos, podemos determinar se é possível caminhar todas as ruas de uma cidade sem psasar por uma rua duas vezes, e podemos determinar o número de cores necessário para colorar as regiões de um mapa. Grafos podem ser utilizados para determinar se um circuito pode ser implementado numa placa de circuitos plana. Podemos distinguir entre dois compostos químicos com a mesma fórmula molecular mas estruturas diferentes utilizando grafos. Podemos determinar se dois computadores estão conectados por um *link* de comunicação utilizando modelos gráficos de redes. Grafos com pesos atribuidos as suas arestas podem ser utilizados para resolver problemas como encontrar o caminho mais curto entre duas cidades numa rede de transporte. Neste capítulo iremos apresentar os conceitos básicos da teoria dos grafos e apresentar alguns modelos de grafos. Para resolver uma boa parte dos problemas que podem ser estudados utilizando grafos, iremos apresentar alguns algoritmos de grafos. Iremos também estudar a complexidade destes algoritmos.

5.1 Grafos e Modelos de Grafos

Começamos com a definição de grafos.

Definição 5.1.1. Um *grafo* $G = (V, E)$ consiste em V , um conjunto não-vazio de *vértices* (ou *nós*) e E , um conjunto de *arestas*. Cada aresta possui ou um ou mais vértices associados a esta, chamada de sua *extremidade*. Diz-se que uma aresta *conecta* as suas extremidades.

Nota: O conjunto de vértices V de um grafo G pode ser infinito. Um grafo

com um conjunto infinito de vértices ou um número infinito de arestas é chamado de **grafo infinito**, e em comparação, um grafo com um conjunto finito de vértices e um conjunto finito de arestas é chamado de **grafo finito**. Neste manual iremos considerar apenas grafos finitos.

Agora imagine que uma rede de computadores é formada por centros de dados e *links* de comunicação entre computadores. Podemos representar a localização de cada centro de dados por um ponto e cada *link* de comunicação por um segmento de linha, como mostra a Figura 5.1

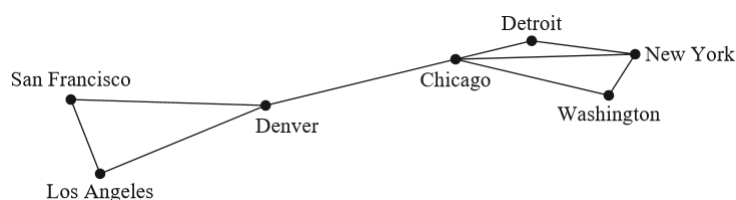


Figura 5.1: Uma Rede de Computadores.

Esta rede de computadores pode ser modelada utilizando grafos em que os vértices do grafo representam centros de dados e as arestas representam os *links* de comunicação. No geral, visualizamos os grafos usando pontos para representar os vértices e segmentos de linha, possivelmente curvos, para representar as arestas, onde as extremidades de um segmento de linha representando uma aresta são os pontos representando as extremidades da aresta. Quando desenhamos um grafo, geralmente tentamos desenhar as arestas de formas a não se cruzarem. No entanto, isto não é necessário porque qualquer representação utilizando pontos para representar os vértices e qualquer forma de conexão entre os vértices pode ser utilizada. De facto, existem alguns grafos que não podem ser desenhados no plano sem que as arestas se cruzem (veja a Secção ??). O ponto principal é que a forma como desenhamos um grafo é arbitrária, desde que as conexões correctas entre os vértices estejam representadas.

Note que cada aresta do grafo representando esta rede de computadores conecta dois vértices diferentes. Isto é, nenhuma aresta conecta um vértice a si próprio. Além disso, duas arestas diferentes não conectam o mesmo par de vértices. Um grafo em que cada aresta conecta dois vértices diferentes e em que duas arestas conectam o mesmo par de vértices é chamada de **grafo simples**. Note que num grafo simples, cada aresta está associada a um par não-ordenado de vértices, e mais nenhuma aresta está associada a este mesmo par. Consequentemente, quando existe uma aresta de um grafo simples associada a $\{u, v\}$, também podemos dizer, sem possibilidade de confusão, que $\{u, v\}$ é uma aresta do grafo.

Uma rede de computadores pode conter múltiplas ligações entre centros de dados, como ilustrado na Figura 5.2. Para modelar tais redes precisamos de grafos que possuam mais de uma aresta conectando o mesmo par de vértices. Grafos que possam ter **múltiplas arestas** a conectar os mesmos vértices são chamados de **multigrafos**. Quando existem m arestas diferentes associadas ao mesmo par não-ordenado de vértices $\{u, v\}$, também dizemos que $\{u, v\}$ é uma aresta de multiplicidade m . Isto é, podemos pensar neste conjunto de arestas como m diferentes cópias de uma aresta $\{u, v\}$.

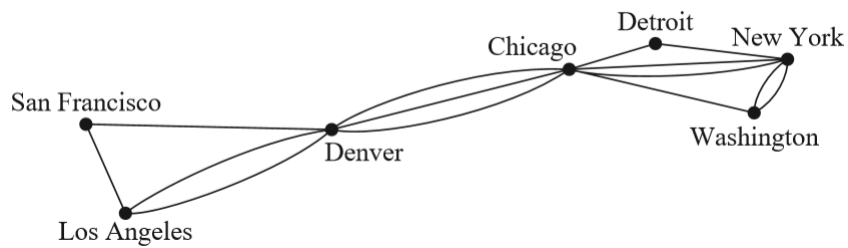


Figura 5.2: Uma Rede de Computadores com Múltiplos Links entre Centros de Dados.

Por vezes um *link* de comunicação de conecta um centro de dados consigo próprio, possivelmente um laço de realimentação para diagnóstico. Uma rede deste tipo é ilustrada na Figura 5.3. Para modelar esta rede precisamos incluir arestas que conectem um vértice consigo próprio. Tais arestas são chamadas de **laços** e as vezes

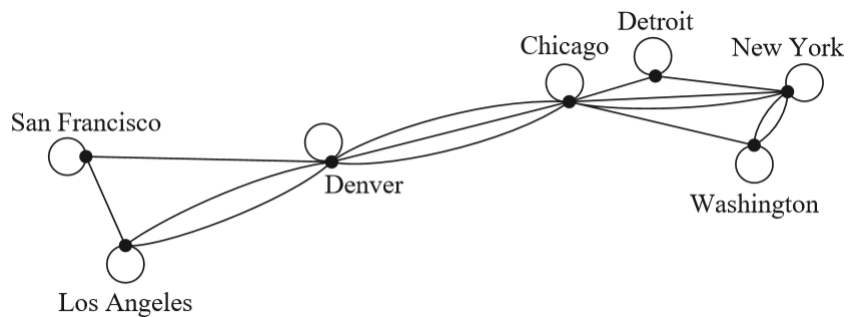


Figura 5.3: Uma Rede de Computadores com Links para Diagnósticos.

Exercícios do Capítulo 5

Grafos

Capítulo 6

Árvores

Exercícios

Árvores